



**Escola Superior
de Educação**

Politécnico de Coimbra

Os espaços e materiais em creche: um *mosaico* de perspetivas

Departamento de Formação de Educadores e Professores

Mestrado em Educação Pré-Escolar

2024, Maria João Baptista de Figueiredo Vicente



**Escola Superior
de Educação**

Politécnico de Coimbra

Maria João Baptista de Figueiredo Vicente

Os espaços e materiais em creche: um *mosaico* de perspetivas

Relatório Final de Mestrado em Educação Pré-Escolar, apresentada ao Departamento de Formação de Educadores e Professores da Escola Superior de Educação de Coimbra para obtenção do grau de Mestre

Trabalho realizado sob a orientação da Professora Doutora Joana Chélinho

junho, 2024

Agradecimentos

Chegado o fim, não posso deixar de expressar o meu profundo agradecimento a todas as pessoas que acompanharam o meu percurso e não me deixaram, nunca, desistir e me deram força e motivação para concluir esta etapa tão desafiante.

Começo por agradecer aos meus pais que foram os meus grandes pilares, por todo o apoio, amor e colo que me deram ao longo desta etapa e por nunca me terem deixado desistir e por terem sempre acreditado em mim. Sem eles nada disto era possível.

À minha irmã, que me acompanha em todas as aventuras e me apoia sempre.

À minha família, que apesar de estar longe, demonstrou sempre o seu apoio e orgulho no meu percurso.

Às minhas amigas do coração, Carol, Sofia, Bia, Margarida e em especial à Mónica, à Beatriz Santana e à Inês, que desde o início souberam o quão difícil e desafiante estava a ser para mim esta etapa e nunca me deixaram cair, estiveram sempre lá. Um enorme obrigada.

À Raquel, que me viu crescer e me acompanhou em todas as etapas da minha vida.

Aos meus colegas e amigos de trabalho, por todo o apoio e paciência que tiveram comigo. Foram alento, força e motivação quando eu mais precisava. Estou muito grata por me ter cruzado no vosso caminho e por ter feito parte desta família.

À minha psicóloga. A terapia foi sem dúvida determinante para ter a coragem, a força e o ânimo necessário para conseguir encerrar este capítulo.

Um agradecimento especial à minha orientadora, a Professora Doutora Joana Chélinho, por todo o apoio pessoal e académico, força e motivação que me deu ao longo de todo o trabalho. À Educadora cooperante, por ter sempre acreditado em mim e me ter dado a confiança necessária para o meu futuro enquanto educadora. Este estágio foi uma grande “escola” e ter a educadora Nini comigo foi um privilégio.

A todos os que me ajudaram a ser quem sou e contribuíram para o meu sucesso e para o meu sonho de ser educadora, o meu muito obrigada.

Os espaços e materiais em creche: um *mosaico* de perspetivas

Resumo: Um espaço físico e materiais pedagógicos adequados podem criar um ambiente de aprendizagem rico e estimulante, fundamental para o desenvolvimento harmonioso de bebés e crianças pequenas. O presente Relatório Final apresenta o estudo realizado no Mestrado de Educação Pré-Escolar em contexto de Prática de Ensino Supervisionada, numa sala de creche com dezasseis crianças com idades compreendidas entre os vinte e seis e os trinta e três meses. Pretende dar a conhecer a perspetiva das crianças, dos encarregados de educação e da educadora cooperante sobre os materiais e os espaços existentes em creche. O propósito deste estudo, suportando-se na Abordagem de Mosaico como referencial metodológico, foi mobilizar procedimentos e instrumentos que permitissem escutar e valorizar a opinião das crianças relativamente aos espaços e materiais disponíveis e conhecer as perspetivas da comunidade educativa em relação aos ambientes educativos em que as crianças brincam e o papel dos adultos nos mesmos.

No final do processo, após a combinação de métodos que permitiram a auscultação dos vários intervenientes, percebeu-se, deste modo que o espaço exterior como ambiente educativo possibilita o desenvolvimento holístico das crianças, os recursos materiais apoiam e promovem a exploração e a brincadeira livre das crianças e reforçou-se o papel do adulto como aquele que supervisiona, apoia e se envolve nas brincadeiras.

Palavras-chave: Abordagem de Mosaico; Espaços e Materiais Pedagógicos; Creche

Spaces and materials in nursery: a *mosaic* of perspectives

Abstract: An adequate physical space and pedagogical materials can create a rich and stimulating learning environment, which is fundamental for the harmonious development of babies and small children. This Final Report presents the study conducted in the Master's Programme in Preschool Education in the context of Supervised Teaching Practice, in a nursery classroom with sixteen children aged between twenty-six and thirty-three months. Its aim is to present the perspective of children, parents and guardians, as well as the cooperating educator regarding the existing materials and spaces in nursery. The purpose of this study, based on the mosaic approach as methodological framework, was to mobilize procedures and instruments that allowed for acknowledging and valuing children's opinions regarding the available spaces and materials and understanding the perspectives of the educational community in regard to the educational environments in which children play, as well as the role of adults in them.

At the end of the process, after combining methods that allowed for the consultation of the various interveners, it was perceived that the outdoor space as an educational environment enables the holistic development of children, the material resources support and promote children's exploration and free play, and the role of the adult as the one who supervises, supports and engages in play was reinforced.

Keywords: Mosaic Approach; Pedagogical Spaces and Materials; Nursery

Sumário

INTRODUÇÃO	VI
CAPÍTULO I - ENQUADRAMENTO TEÓRICO	3
1. Ambiente Educativo e Recursos Materiais em Creche	4
2. Princípios Pedagógicos em Creche e as Premissas da Abordagem de Mosaico	9
CAPÍTULO II - ESTUDO DE CAMPO	11
1. Caracterização do Contexto e Participantes	12
2. Motivação e Justificação do Estudo	16
3. A Abordagem de Mosaico como Referencial Metodológico	17
3.1. Estratégias e Instrumentos	21
3.2. Itinerário de Pesquisa	26
CAPÍTULO III - INTERVENÇÃO NA REESTRUTURAÇÃO DO ESPAÇO EXTERIOR	27
CAPÍTULO IV - APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DE DADOS	32
1. Apresentação e Análise dos Dados - Ficha de Observação	34
2. Apresentação e Análise dos Dados - Entrevista às Crianças	37
3. Apresentação e Análise dos Dados - Questionário aos Encarregados de Educação	43
4. Apresentação e Análise dos Dados - Entrevista à Educadora Cooperante	53
CONSIDERAÇÕES FINAIS	62
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	68
APÊNDICES	71
Apêndice I - Guião da Ficha de Observação	72
Apêndice II - Atividade “Onde gosto mais de brincar”	73
Apêndice III - Guião de entrevista às crianças	74
Apêndice IV - Guião de entrevista à Educadora Cooperante	75
Apêndice V – Questionário aos Encarregados de Educação	81
Apêndice VI - Consentimento informado	86
Apêndice VII - Transcrição dos registos da ficha de observação	87
Apêndice VIII - Transcrição das entrevistas às crianças	89
Apêndice IX - Transcrição da entrevista à Educadora Cooperante	93

Lista de abreviaturas

E.C.- Educadora Cooperante

E.E.- Encarregados de Educação

DQP- Desenvolvendo a Qualidade em Parcerias

Lista de figuras

FIGURA 1 - ESPAÇO SALA (ENTRADA)	13
FIGURA 2 - ESPAÇO SALA (FUNDO)	13
FIGURA 3 - ESPAÇO EXTERIOR (TRASEIRA)	13
FIGURA 4 - ESPAÇO EXTERIOR (LATERAL)	13
FIGURA 5 - ESQUEMA EM MOSAICO DE ESTRATÉGIAS E INSTRUMENTOS ADOTADOS.....	19
FIGURA 6 - O "ANTES"	27
FIGURA 7 - O "DEPOIS"	28
FIGURA 8 - PAINEL.....	40
FIGURA 9 - ESCOLHA DAS CRIANÇAS NO PAINEL	40

Lista de tabelas

TABELA 1 - REGISTOS DE OBSERVAÇÕES REGISTRADAS	32
TABELA 2 - GRAU DE PARENTESCO COM O EDUCANDO	39
TABELA 3 - NÚMERO DE FILHOS.....	39
TABELA 4 - IDADE DOS E.E.....	39
TABELA 5 - HABILITAÇÕES ACADÉMICAS DOS E.E.....	40
TABELA 6 - PERSPETIVA DOS E.E SOBRE A IMPORTÂNCIA, O TEMPO DE QUALIDADE E A PERTINÊNCIA DA REESTRUTURAÇÃO DO ESPAÇO EXETRIOR E A SUFICIÊNCIA DE RECURSOS	42
TABELA 7 - FREQUÊNCIA DE BRINCADEIRA DAS CRIANÇAS EM AMBIENTE NATURAL	44
TABELA 8 - FREQUÊNCIA DE BRINCADEIRA DAS CRIANÇAS NO PARQUE	44
TABELA 9 - PERSPETIVA DOS E.E. SOBRE O QUE CONSIDERAM SER BARREIRAS PARA AS BRINCADEIRAS DO/A SEU/SUA FILHO(A)	45
TABELA 10 - PERSPETIVA DOS E.E. SOBRE OS BENEFÍCIOS DO BRINCAR NO ESPAÇO EXTERIOR	46
TABELA 11- PERSPETIVA DOS E.E. SOBRE OS RECURSOS QUE CONSIDERAM IMPORTANTES PARA A BRINCADEIRA DO/A SEU/SUA FILHO(A)	47
TABELA 12- PERSPETIVA DA E.C. SOBRE OS RECURSOS QUE CONSIDERA IMPORTANTES NAS BRINCADEIRAS DAS CRIANÇAS	59
TABELA 13- PERSPETIVA DA E.C. SOBRE OS RECURSOS QUE CONSIDERA SER OS ENTRAVES/BARREIRAS NAS BRINCADEIRAS DAS CRIANÇAS	59
TABELA 14- PERSPETIVA DOS E.C. SOBRE AS CARACTERÍSTICAS SOCIOEMOCIONAIS E BIOLÓGICAS QUE O BRINCAR NO EXTERIOR FOMENTA NAS CRIANÇAS	60

INTRODUÇÃO

O presente Relatório Final surgiu no âmbito das Unidades Curriculares de Prática Educativa I e II presente no ciclo de estudo do Mestrado em Educação Pré-Escolar da Escola Superior de Educação de Coimbra.

No decorrer do estudo, pretende-se descrever os acontecimentos deste percurso e resultantes sobretudo do inusitado cenário pandémico, que obrigou a consecutivos ajustes. Assim sendo, trata-se de um estudo com um enquadramento contextual, temporal e singular, cujo intuito foi valorizar a expressão individual das crianças, permitindo que elas explorem as suas ideias e perspetivas de maneira autêntica, convocando colaborativamente as perspetivas das famílias e profissionais para fortalecer os laços entre a creche e a comunidade, criando um ambiente participativo de escuta e colaboração mútua.

A temática da Abordagem de Mosaico surgiu pelo reconhecimento da criança como agente principal do seu processo educativo. Baseia-se na inclusão da diversidade e na valorização da individualidade. Promove ainda uma variedade de experiências e atividades que contribuem para o desenvolvimento integral das crianças (Clark & Moss, 2005).

A componente investigativa, juntamente com o percurso da prática de ensino supervisionada, fundamenta e reflete o trabalho desenvolvido durante os períodos de intervenção pedagógica. Neste seguimento, o presente relatório encontra-se organizado em três partes distintas.

Na primeira parte, designada por Capítulo I - Enquadramento Teórico -, encontra-se a informação que sustentou o desenvolvimento deste estudo, tendo por base autores de referência. Nesta parte, o assunto principal assenta no ambiente educativo e dos recursos em creche e nas premissas da Abordagem de Mosaico.

A segunda parte, Capítulo II, apresenta o percurso realizado no estudo, desde a caracterização do contexto e participantes, motivação e justificação do estudo, à metodologia de investigação utilizada, aos procedimentos e instrumentos de recolha de dados e, por último, ao itinerário de pesquisa que vai permitir fazer a ponte ao capítulo seguinte.

A terceira parte, o Capítulo III, incide sobre intervenção na reestruturação do espaço exterior e a quarta parte, Capítulo IV - Apresentação e Discussão de Dados, destina-se à apresentação e análise dos dados recolhidos, retirando assim as conclusões sobre este estudo.

Por fim, as Considerações Finais, que têm como objetivo refletir sobre os objetivos definidos, avaliando o percurso percorrido bem como, dar resposta às questões de partida do estudo.

CAPÍTULO I - ENQUADRAMENTO TEÓRICO

1. Ambiente Educativo e Recursos Materiais em Creche

A ação pedagógica exerce-se não só na mediação social, mas também na criação de um ambiente que tenha à disposição materiais que envolvam as crianças. Este ambiente deve ser pensado e refletido de forma que os recursos materiais presentes na sala não sejam demasiado restritivos e orientadores, mas sim que permitam que a criança possa explorar, descobrir e atribuir múltiplas utilidades (Formosinho & Araújo, 2018).

Em contexto educativo é fundamental a forma como o educador organiza os espaços e os materiais que coloca ao dispor das crianças, tendo sempre em linha de conta o desenvolvimento e os interesses do grupo e de cada criança, pois o “ambiente físico e material [...] deverá refletir a crença na competência participativa da criança e criar múltiplas oportunidades para o seu bem-estar, aprendizagem e desenvolvimento” (Formosinho & Araújo, 2013, p. 93).

A criança necessita de tempo para exercitar a sua curiosidade e, para isso, é fundamental que o docente crie um ambiente educativo pautado pela interatividade com diversos materiais e espaços. Este ambiente deve ser ainda pensado, não como um todo, mas sim de forma repartida para que possa ser experienciado na sua plenitude pelas crianças (Formosinho & Araújo, 2018).

O ambiente da creche deve ser acolhedor, estável seguro e saudável, devendo a equipa educativa manter uma relação que transmita confiança e proximidade com as crianças, com o objetivo de promover o seu bem-estar emocional e físico.

Este ambiente por sua vez já deve integrar as rotinas diárias de caráter previsível, porém, flexível, que permitam desenvolver a estabilidade emocional das crianças, assim como a promoção de uma aprendizagem ativa (Post & Hohmann, 2011).

A organização do ambiente educativo em creche tem como base critérios coerentes de resposta às necessidades básicas da criança (alimentação, higiene, repouso e desafios) e de suporte à construção partilhada da intencionalidade educativa. O cuidar, o educar e o brincar são aspetos importantes e que estão intimamente relacionados no que diz respeito à educação de infância. A equipa educativa deve atender a uma disposição flexível, dinâmica e transformativa do mobiliário, das estruturas e dos materiais para dar

reposta às mudanças de interesses, motivações e necessidades das crianças no decorrer do ano (Formosinho & Araújo, 2018).

As salas de atividades em creche devem ter espaço considerável de forma a permitir que as crianças que já se deslocam, o possam fazer livremente e que as que ainda não o conseguem fazer possam usufruir de espaços colhedores e tranquilos (Goldschmied & Jackson, 2023).

O ambiente físico revela, por si só, o modo como apoia o desenvolvimento básico das crianças- “por ser suave; por ter mobiliário à medida; por proporcionar uma variedade de níveis, vistas e materiais; e por ter áreas distintas para comer, dormir, mudar a fralda e brincar” (Post & Hohmann, 2011, p. 101). Deve ser perspectivado, sobretudo, como um espaço para o grupo em geral e para cada criança em particular, para brincar e aprender, para a atividade e para o seu descanso e que acolhe e respeita diferentes ritmos, identidades e culturas.

Na Pedagogia-em-Participação, a organização do espaço é primordial e é visto como um “lugar de bem-estar, alegria e prazer” (Formosinho & Araújo, 2018, p. 54). Deve estar preparado e disponível para as vivências e interesses das crianças, privilegiando assim a organização, a flexibilidade e a diversidade.

Nesta faixa etária a criança percebe o mundo e comunica através da abordagem sensoriomotora importa, portanto, que a criança possa experimentar livremente e de acordo com as suas escolhas e vontades todo o espaço e materiais da sala de modo que se sinta membro integrante e participante. “O ambiente físico e material das salas de creche deverá refletir a crença na competência participativa da criança e criar múltiplas oportunidades ao nível dos seus processos de aprendizagem e desenvolvimento” (Formosinho & Araújo, 2013 p. 30).

A exploração que a criança exerce perante os recursos que integram o espaço promove uma multiplicidade de experiências. Estes materiais devem ser de fácil manipulação, de diferentes tipos e com uma utilização diversificada, deve também estar implícita uma riqueza experimental tendo as crianças contacto com água, areia, tecidos, barro, entre muitos outros. “A organização do equipamento tem de ser suficientemente funcional e acessível às crianças, para que estas consigam encontrar sozinhas aquilo de que

necessitam para o desenvolvimento das atividades que escolheram” (Cardona, 1992, p. 12).

As crianças têm mais tendência a explorarem, brincarem e aprenderem em ambientes que possibilitem a sua expressividade, criatividade e imaginação e que permitam contactar com diferentes texturas e observar várias cores. (Formosinho & Araújo, 2018). Devem ser incluídos materiais naturais nos momentos de jogos de forma a promover a estimulação sensorial, evitando o contacto das crianças apenas com objetos de plástico (Goldschmied & Jackson, 2023).

Os recursos materiais presentes no ambiente educativo devem apoiar o desenvolvimento holístico da criança e, por isso, é essencial que o educador reflita e analise se os materiais são diversificados e desafiantes, e se, ao longo do tempo, correspondem às necessidades e individualidade de cada uma.

O ambiente físico deve aliar conforto e familiaridade com praticabilidade e oferecer interesse e prazer tanto às crianças como aos adultos. Muitas vezes as instituições não são financeiramente capazes de dar resposta a uma panóplia de materiais e equipamentos necessário para as salas de atividades e, por isso, as equipas educativas acabam por ter de improvisar com os equipamentos já existentes. Consequentemente, muitas salas apresentam mobiliário e materiais inadequados tanto a nível de cores e texturas como ao nível das idades e necessidades do grupo (Goldschmied & Jackson, 2023).

A relação da criança com o mundo exterior e interior permite um alargamento das experiências de aprendizagem, priorizando contextos que valorizam aspetos relacionados com a identidade pessoal e cultural de cada criança. Um espaço exterior devidamente organizado é capaz de oferecer uma multiplicidade de oportunidades de aprendizagens, bem como experiências sociais enriquecedoras às crianças. Contudo, este é muitas vezes negligenciado por grande parte das instituições, sendo que a falta de compreensão acerca da importância pedagógica do mesmo constitui, predominantemente, entraves à ideia do exterior como um ambiente promotor de aprendizagens (Formosinho & Araújo, 2018).

O espaço exterior deve ser percecionado como um prolongamento do ambiente interior no que diz respeito à exploração, à brincadeira e ao jogo das crianças. As crianças, por norma, passam mais tempo no espaço exterior quando o espaço interior tem acesso

direto ao mesmo, e os materiais, na sua polivalência, transitam/circulam entre ambos (Post & Hohmann, 2011). Valorizar e articular os espaços interiores e exteriores, enriquece o processo pedagógico, assumindo que ambos contribuem para o processo de aprendizagem e crescimento das crianças.

Através das observações diárias os educadores de infância reconhecem que a curiosidade e necessidade de exploração das crianças são, desde muito cedo, cativadas pelas potencialidades da natureza. É importante que percecionem estes espaços como uma extensão um do outro, compreendendo quais os comportamentos e atividades são mais adequadas e promovidas em cada área. Independentemente das dissemelhanças entre interior e exterior, o educador deve ter uma atitude coerente em ambos os contextos, transmitindo assim confiança e segurança à criança.

As crianças quando vão ao exterior podem observar e experimentar no seu próprio corpo, as mudanças de temperatura, os fenómenos atmosféricos e as mudanças da natureza. Além disso, realizam também inúmeras descobertas, brincam com outras crianças, inventam novos jogos, experienciam novas aventuras, encontram desafios, ultrapassam obstáculos e perigos e desafiam-se a si mesmas.

O espaço exterior apresenta também benefícios para as crianças mais tímidas e envergonhadas, que muitas vezes, no espaço interior, se demonstram mais reservadas e não brincam com determinadas crianças. Neste espaço, há mais oportunidades para que elas possam movimentar-se e brincar livremente, possam fazer as suas próprias escolhas, o que, conseqüentemente, as deixará mais à vontade para explorarem os espaços, novas brincadeiras e criarem uma maior ligação e socialização com os pares, permitindo assim que sejam mais aventureiras.

É de salientar que nem todas as instituições possuem espaços exteriores com as condições desejáveis para a brincadeira das crianças e, por isso, é fundamental encontrar estratégias para ultrapassar os constrangimentos e fomentar as experiências ao ar livre (Bilton et al., 2017).

O exterior é também um espaço que permite desenvolver a interação social das crianças e o contacto direto com materiais naturais, este tipo de materiais pode também ser

utilizado na sala permitindo a sua exploração e pesquisa, quer de forma orientada pelos adultos, quer pela livre escolha das crianças.

2. Princípios Pedagógicos em Creche e as Premissas da Abordagem de Mosaico

Gabriela Portugal (2012), apresenta a sua perspetiva acerca das finalidades e práticas educativas em creche, defendendo que as crianças só estarão disponíveis para se implicar em atividades que contribuem para o seu desenvolvimento e aprendizagem se as suas necessidades forem satisfeitas, garantindo o seu bem-estar. Estas necessidades (físicas, de afeto, de segurança, de reconhecimento e afirmação, de sentimento de competência e de significados e valores) devem ser tidas em conta na planificação dos objetivos educativos, tendo em vista o bem-estar e implicação das crianças (Portugal, 2012).

Na sua perspetiva, as finalidades educativas da creche são: (1) o desenvolvimento de um sentido de segurança e autoestima, que se relacionam com a confiança e competência para dominar o seu corpo, o seu comportamento e o mundo; (2) o desenvolvimento da curiosidade e ímpeto exploratório; (3) o desenvolvimento de competência social e comunicacional. O conhecimento acerca do desenvolvimento da criança e a reflexão crítica acerca do que é uma planificação adequada permitem identificar diferentes necessidades de acordo com as respetivas faixas etárias.

A Abordagem de Mosaico congrega uma variedade de métodos que permite escutar e evidenciar as diversas perspetivas e ideias dos principais atores deste método, as crianças. Além disso, passa também por explorar as perceções das mesmas sobre as suas vidas, os seus interesses, preocupações, prioridades e sonhos (Clark & Moss, 2005), assumindo-as como capazes de pensar e pronunciar-se sobre as suas circunstâncias

Infelizmente a educação em creche por muito tempo foi vista como “depósito de crianças”, que serviam apenas para cuidar da criança enquanto a família estava ausente, e nos dias atuais muitas vezes é vista dessa forma pelo senso comum. Atualmente, as instituições de atendimento e cuidados à primeira infância cuidam, educam e possibilitam momentos de brincadeiras, contudo estas três ações em algumas instituições ainda são realizadas de modo espartilhado e sem intencionalidade. Considerando este aspeto, Clark e Moss (2005) desenvolveram a Abordagem de Mosaico com o intuito de ser uma metodologia para ouvir as crianças. Inicialmente, o objetivo do estudo foi de desenvolver

metodologias para as crianças pequenas terem um papel ativo na avaliação dos serviços da primeira infância.

Para a sua concretização, Clark e Moss (2001) enumeram três etapas fundamentais: reunir as perspetivas das crianças e dos adultos com rigor e imaginação metodológica, numa variedade de métodos que sejam apropriados e acessíveis para os participantes (especialmente as crianças); compartilhar, discutir e rever o material compilado, analisando colaborativamente e estabelecendo linhas de pensamento e ação, pela composição do mosaico de informações recolhidas, projetando a decisão sobre que áreas se deve dar continuidade ou alterar. Para além das etapas, são também elencados pontos fortes desta metodologia: reconhece a importância de ouvir como estratégia para as crianças darem sentido ao mundo; é um processo reflexivo para as crianças fazerem descobertas, novas conexões, expressar entendimentos e considerar significados; permite que as crianças reflitam sobre as suas experiências de vida em vez de conceitos abstratos; as crianças podem expressar os seus pensamentos sem interferências do adulto; permite que as crianças comuniquem as suas ideias de uma forma que seja significativa para elas; permite a oportunidade de inverter papéis- as crianças desempenham um papel ativo, assumindo a liderança e desafia os estilos de aprendizagem dominantes que valorizam as habilidades verbais/linguísticas.

Posto isto, é fundamental que haja transformação das práticas pedagógicas em todas as instituições de Educação de Infância, desconstruindo as conceções de práticas menos inclusivas e indissociáveis nas rotinas e no dia-a-dia das crianças, que talvez pela impreparação dos profissionais, ou até mesmo por falta de motivação ainda está presente em algumas instituições.

Esta abordagem reconhece a criança como única, respeita os ritmos de desenvolvimento e incentiva práticas pedagógicas personalizadas. Alinha-se com abordagens pedagógicas mais evoluídas e centradas na unicidade, seguindo pedagogias socioconstrutivistas e participativas, contribuindo para que crianças com diferentes habilidades e origens culturais se expressem de maneiras variadas. Isso ajuda a promover uma cultura de respeito e valorização da diversidade dentro da creche.

CAPÍTULO II - ESTUDO DE CAMPO

1. Caracterização do Contexto e Participantes

A creche, onde foi desenvolvida esta pesquisa, situa-se na cidade de Coimbra, e é uma Instituição Particular de Solidariedade Social (IPSS) que tem como objetivo primordial prestar efetivo e eficiente apoio às famílias e às crianças, nomeadamente em termos de desenvolvimento físico, afetivo, intelectual e social, promovidos num meio que prolongue a estrutura familiar. É uma IPSS, com capacidade para sessenta crianças e dispõe de quatro pisos. A sala onde estagiei situa-se no segundo piso e tem como designação, Sala dos 2 anos B.

A sala dos 2 anos B não é uma sala muito ampla e devido às restrições da pandemia foram suprimidos alguns recursos materiais (dispostos rotativamente após o período de desinfeção), contudo, os que tem são muito atrativos para as crianças. É composta por um tapete; duas mesas; um armário com prateleiras à disposição das crianças que contém vários tipos de brinquedos (e.g., legos, brinquedos de encaixe, animais, utensílios de cozinha, roupas de bebés, carros); uma cozinha; uma cama para os bebés; um carrinho de bebés; um espelho e um armário com prateleiras ao nível das crianças onde estão à disposição histórias e jogos variados (jogos de mesa e tabuleiro). A sala contém ainda um armário para uso da educadora, um rádio e os catres, porque a sala passou a ser o dormitório desde que se implementou o sistema das bolhas de distanciamento inerente ao plano de contingência.

Face às regras impostas devido à COVID-19, todas as salas têm compartimentos próprios para colocar o calçado de cada criança, tanto o calçado usado dentro da sala como o da rua. Cada criança quando entra na sala tem de, obrigatoriamente, trocar os sapatos e, quando sai, o processo é exatamente o mesmo. O facto de a sala ter acesso direto para a rua, facilita a deslocação até ao espaço exterior. Contudo, este acesso era feito apenas quando condições atmosféricas o permitissem.

A creche tem à disposição dois espaços exteriores amplos, divididos por uma cancela, sendo que de um lado existe um escorrega, duas molas de baloiço, trotinetes, triciclos, bolas, barcos, pneus, e o outro lado é composto por um comboio, uma cabana e uma casinha. Os equipamentos que são amovíveis são deslocados de um espaço para o outro.

Estes espaços foram divididos para evitar que haja contactos e contágios entre salas de idades distintas.

Devido ao facto de estes dois espaços serem compostos por materiais estruturados, surgiu a necessidade por parte das educadoras de colocar à disposição materiais não estruturados, tais como pacotes de leites selados e caixas de diferentes tamanhos.

Para além destes espaços, existe um espaço natural que contém terra, árvores e materiais como pás, baldes, tachos, entre outros. É de salientar que este espaço sofreu uma grande mudança que será abordada posteriormente no Capítulo III.

Nesta creche, as crianças têm uma grande liberdade no que diz respeito ao brincar. Os recursos e os brinquedos à disposição são muito ricos, no sentido em que permitem que a criança explore e atribua diferentes significados. Esta grande diversidade de recursos/materiais permite também que a criança desenvolva várias competências sociais e cognitivas.

Por vezes, nas creches, deparamo-nos com salas muito “cheias” visualmente e com muitos brinquedos e é, por isso, imprescindível perceber de que forma é que estão organizados estes espaços, onde estão os brinquedos e se efetivamente a sua presença faz sentido para o grupo e se os brinquedos/materiais são do interesse das crianças. Cabe ao educador realizar uma avaliação regular de forma a perceber se há necessidade de uma reestruturação dos espaços e dos materiais. De acordo com uma abordagem experiencial, a maneira mais económica e conclusiva para avaliar a qualidade em qualquer contexto de ensino é atender a duas dimensões: bem-estar emocional e o envolvimento/implicação das crianças nas experiências.

O ambiente pode promover ou restringir o jogo da criança e as suas interações com os outros, pode facilitar ou não as suas descobertas, a sua autonomia e as rotinas, os momentos de aconchego e bem-estar estético. A organização do espaço pode facilitar aprendizagens, criar desafios, provocar a curiosidade e criatividade, potenciar autonomia e relações interpessoais positivas. A criação de um clima familiar, onde se conhece segurança e amplas oportunidades para explorações, descobertas e estabelecimento de relações sociais, exercitando a sua autonomia e competências, permite às crianças envolverem-se ativamente nas aprendizagens (Portugal, 2012).

A pandemia limitou, de certa forma, os materiais e recursos disponíveis na sala. A maioria dos brinquedos são estruturados e por isso a educadora sentiu necessidade de trazer para a sala materiais não estruturados, promovendo assim a brincadeira heurística.

O grupo com o qual estagiei é composto por dezasseis crianças, das quais doze são do sexo feminino e quatro são do sexo masculino, cujas idades estão compreendidas entre os 26 e os 33 meses.

Este grupo de crianças é bastante curioso e interessado e a maior parte das crianças comunica facilmente com os seus pares e com os adultos. Contudo, há crianças que por si só são mais tímidas e por isso não comunicam muito nem com os seus pares nem com a equipa educativa. Cada criança tem o seu ritmo de desenvolvimento que deve ser respeitado, cabendo ao adulto a tarefa de não fazer comparações entre elas sendo, por isso, de extrema importância respeitar a individualidade de cada um.

Pude ainda observar que as rotinas eram bastante estruturadas devido à pandemia. A logística da instituição, por razões sanitárias, alterou bastante o funcionamento das rotinas para as crianças como para as educadoras. O facto das salas não se poderem cruzar por se ter de partilhar refeitório e casa de banho, apesar de os pisos já estarem separados por bolhas, exigia uma rotina mais rigorosa e em função das rotinas das outras salas. Em conversa com educadora percebi desde logo que era uma situação que não agradava de todo à equipa educativa, principalmente à própria. Exigiu um esforço redobrado por parte de todos, inclusive das crianças. Contudo, no decorrer do estágio também fui percebendo que se fazem os possíveis e os impossíveis para tornar as rotinas mais flexíveis.

Figura 1
Espaço sala (entrada)



Figura 2
Espaço sala (fundo)



Figura 3
Espaço exterior (traseira)



Figura 4
Espaço exterior (lateral)



2. Motivação e Justificação do Estudo

A Abordagem de Mosaico tem como principal objetivo perscrutar as opiniões e perspetivas das crianças acerca das suas experiências e contextos de vida. Para tal, recorre-se a uma pluralidade de métodos, que permitirá à criança a expressão dos seus pontos de vista e a valorização dos seus sentimentos. Com esta auscultação torna-se possível contribuir para um melhoramento da qualidade das instituições e, conseqüentemente, responder às expetativas das crianças como utilizadoras e coconstrutoras dos espaços e respetivas vivências.

Neste sentido, e dada a sua importância, recorreu-se à Abordagem de Mosaico como forma de investigação e avaliação. Assim, procurou-se ouvir as crianças e comunidade educativa (educadora e encarregados de educação), com o intuito de perceber: o que valorizam; o que gostariam de ter, acrescentar e/ou melhorar nos espaços exteriores e interiores; a sua opinião acerca dos materiais existentes nos espaços que frequentam.

Pretende-se, ao longo deste trabalho, dar resposta às seguintes questões: o que dizem as crianças sobre os espaços e materiais que estão disponíveis? Quais são as perspetivas da comunidade educativa em relação aos espaços em que as crianças brincam e ao papel dos adultos nos mesmos?

3. A Abordagem de Mosaico como Referencial Metodológico

A Abordagem de Mosaico é uma metodologia desenvolvida por Alison Clark e Peter Moss para escutar as crianças sobre as suas experiências e sobre a sua vida, partindo do pressuposto que são “formadores de significado competentes e exploradores do seu ambiente” (Clark & Moss, 2001, p. 1). Para além de se focar em escutar as crianças, pretende, também, explorar as perceções que estas têm sobre as suas vivências, quais os seus interesses, preocupações, prioridades e sonhos.

O propósito de desenvolver esta abordagem deveu-se, sobretudo, à necessidade de encontrar soluções para o desenvolvimento e, conseqüentemente, para a evolução do reconhecimento dado às crianças pequenas, para que estas tenham “voz ativa” na avaliação dos serviços de primeira infância. Esta abordagem faz-nos repensar nos pontos de vista e nas experiências das crianças pequenas que devem ser ouvidas e respondidas pelos adultos. É multimodal, integrada e combina o visual com o verbal, capacitando as crianças com diferentes estilos de comunicação a participar ativamente nas mudanças da sua creche, o que contribui para um ambiente de aprendizagem mais inclusivo e envolvente. Segundo Edwards (1999) permitir dar espaço para que as crianças se possam manifestar, não significa apenas uma transmissão de ideias através de palavras, mas também, incluindo crianças pré-verbais, as formas criativas que estas utilizam para expressar os seus pontos de vista e experiências: as cem linguagens.

Um das características desta abordagem é o facto de ser adaptável, porque pode ser aplicada tanto em creches como jardins de infância e pode ser usada para uma variedade de propósitos desde, por exemplo, avaliar a qualidade da instituição ou aferir que tipo de espaço ou materiais é que as crianças preferem. Esta adaptabilidade tem em consideração as competências da própria educadora ao trabalhar com as crianças e ainda as características destas, ou seja, estão incluídas etnias minoritárias e necessidades educativas especiais. Os autores enfatizam “a importância de explorar as opiniões e experiências da vida quotidiana das crianças nas instituições que elas frequentam como membros de comunidades que são” (Clark & Moss, 2011, p. 7).

A Abordagem de Mosaico foi influenciada pelos métodos usados na pedagogia participativa, inspirada na documentação pedagógica desenvolvida nos Jardins de

Infância de Reggio Emilia, no norte de Itália. O objetivo de desenvolver esta abordagem, de acordo com os autores, tem sido encontrar formas práticas de contribuir para o desenvolvimento de serviços que respondam à “voz da criança” e que reconheçam as competências das crianças pequenas (Clark & Moss, 2011).

A presente metodologia tem como objetivo o envolvimento da criança na experiência e na construção de aprendizagens, sendo que este processo ocorre através de experiências contínuas e interativas. Para reforçar esta ideia Clark e Moss (2005) dão-nos a conhecer os quatro princípios desta abordagem:

1. A criança como comunicadora: importância de valorizar a comunicação e a escuta para a criação de conhecimento e não, somente, para a sua transmissão - como ocorre perante a conceção da criança como uma “folha em branco”. Nesta metodologia a criança é vista precisamente como o sujeito de toda a ação, tendo uma voz ativa no decorrer do projeto;
2. A criança como especialista da sua própria vida: a criança vai construindo e dando significado à sua vida através das suas vivências e de tudo o que observa ao seu redor. As relações, interações e práticas quotidianas têm também um papel fundamental na produção da identidade pessoal de cada criança;
3. A criança detentora de direitos: a criança é reconhecida com capacidade e discernimento, tendo o direito de exprimir livremente a sua opinião sobre as questões que lhe dizem respeito, sendo devidamente tomadas em consideração de acordo com a sua idade e maturidade. Direito a dar o seu parecer sobre tudo aquilo que tem influência no seu bem-estar;
4. A criança produtora de significado: garantir o direito a ter experiências significativas, brincar e interagir com as outras crianças, é fundamental para a qualidade da sua infância. O adulto deve ser tido como alguém que auxilia e apoia a criança nas suas decisões e descobertas, de forma que seja a própria a dar sentido e significado às questões e desafios que vai enfrentando. Durante a infância, a criança que é única e singular, aprende a brincar, e ao brincar ela pensa, analisa a sua realidade, a sua cultura e o meio em que está inserida, criando e recriando formas, conceitos, ideias, perceções e socializando, cada vez mais, através de interações com os pares, objetos e espaços.

A avaliação desta abordagem é feita através de vários métodos (verbais, visuais e cinestésicos) e conta com a participação ativa das crianças na mesma. Pretende-se, assim, que as crianças criem o seu próprio conhecimento, em vez deste ser extraído.

A Abordagem de Mosaico, sendo uma metodologia que promove a participação ativa da criança, rege-se por métodos que possibilitam diferentes modos de expressão, respeitando a sua individualidade. Clark e Moss (2005) elencam cinco aspetos desta abordagem:

- I. *Participativa*: privilegia as ideias das crianças, reconhecendo a competência das mesmas, e sendo elas agentes do seu processo educativo;
- II. *Adaptável*: é adaptável porque deve ser capaz de ser aplicada numa variedade de instituições e tem como ponto de partida as necessidades e características de cada criança. Esta adaptabilidade tem também em consideração as capacidades do profissional responsável para trabalhar com as crianças e suas individualidades;
- III. *Reflexiva*: recai em quatro etapas fundamentais: ouvir, observar, documentar e interpretar. Incluindo as crianças como coconstrutoras e integrando encarregados de educação e profissionais, sendo que estes, são os que auxiliam;
- IV. *Incorporação na prática*: é pretendido que as opiniões das crianças sejam a base para o trabalho dos profissionais de educação. A constante interação, escuta e comunicação é uma ferramenta para que seja a voz da criança a ser tida em conta e não a que o adulto pretende, o que, conseqüentemente, leva a que nem sempre haja consenso entre elas;
- V. *Multimétodo*: permite abordar a escuta da criança como um processo que não se limita à linguagem verbal, valorizando deste modo as brincadeiras, as ações e reações e as formas simbólicas, tais como fotografias e desenhos. Assim, tanto a linguagem verbal como não-verbal, servem para impulsionar o falar, ouvir e refletir das crianças. Este método permite que se escute a criança de diferentes formas.

Algumas abordagens encaram a criança como uma *tábua rasa*, contudo outras visam a criança como participante ativo na sua própria aprendizagem, respeitando-a, valorizando-a e elogiando-a quando manifesta as suas emoções e dá a sua perspetiva face ao meio em

que está envolvida. Deste modo, temos o exemplo da Abordagem de Mosaico, em que o adulto ouve, mas também incorpora as crianças em diversos métodos para melhor entender os seus pontos de vista. Estes, geridos de forma flexível e por vezes até em simultâneo, podem ser:

- *Fotografias*: as crianças têm oportunidade de escolher fotografar/filmar o que consideram mais relevante em conformidade com o tema abordado;
- *Passeios*: onde a exploração da instituição é guiada pelas crianças, em que registam através dos métodos anteriores e/ou outros, o que acham mais pertinente. Mapas para registo resultante dos passeios, em que as crianças representam o que lhes for pertinente, facilitando, visualmente;
- *Reuniões*: conversas num ambiente familiar e em grande grupo, em que o papel do adulto deve ser de escutar, ser sensível, flexível e, também, de gerir o tempo de reunião;
- *Dramatização*: baseia-se na representação, introduzindo um conjunto de pequenas figuras do jogo e outros equipamentos, e concretiza-se maioritariamente com crianças de idade inferior a dois anos;
- *Observação e documentação*: estas consistem em conhecer e registar as conceções das crianças e fazer uma observação qualitativa dos acontecimentos. Na documentação recorre-se a registos e comentários acerca da aprendizagem por meio de fotos, murais, vídeos e vários meios de comunicação diferentes;
- *Entrevistas*: são concretizadas às crianças, aos pais/E.E., educadoras e auxiliares para conhecer as perspetivas das crianças. Deste modo, num momento de conversa informal, focando-se em pessoas, espaços e atividades importantes. Assim sendo, são dadas às crianças também oportunidades para discutir questões pouco claras;
- *Manta mágica*: é o momento de observação e reflexão sobre os acontecimentos mais marcantes desta abordagem para as crianças.

Em suma, este método tem como principal objetivo, dar a oportunidade às crianças de partilharem, refletirem e discutirem e as suas experiências, preferências e interesses.

3.1. Estratégias e Instrumentos

A metodologia consiste num conjunto estruturado de procedimentos que atuam em coerência com os objetivos do estudo e a questão de partida da investigação. Tal como referem Quivy e Campenhoudt (2005), “Um procedimento é uma forma de progredir em direção a um objetivo” (p. 25).

A minha intervenção e integração foi pautada por ter sido desenvolvida de forma gradual e optei por proporcionar, sempre que possível, momentos de conversas informais, de modo, a escutar e perceber sempre a vontade e as ideias das crianças, dos Encarregados de Educação (E.E.) e da educadora Cooperante (E.C.). Segundo Amado (2014) durante a investigação existem momentos de reflexão, que permitem ao investigador o aumento do conhecimento e um melhoramento da sua ação perante o processo de prática pedagógica.

Para sustentar este estudo, recorreremos a várias estratégias, entre as quais a observação participante que permite ao observador participar na vida do grupo que está a estudar. O observador desempenha um papel bem definido na organização social que observa” (Estrela, 1990, p. 32). A observação permitiu-me conhecer e compreender diretamente os fenómenos tal como eles aconteceram em contexto de estágio, os seus intervenientes e as suas intenções. Procurei integrar-me com os demais, tentando assim um envolvimento máximo com o observado através da participação nas atividades do grupo, adotando uma postura que se coadune com o mesmo e recolhendo dados. Para concretizar esta observação foi utilizado como instrumento o guião da ficha de observação adaptada do Projeto Desenvolvendo a Qualidade em Parcerias (DQP). A ficha de observação (*Ver apêndice I - Guião da ficha de observação*) foi adaptada do Projeto Desenvolvendo a Qualidade em Parcerias – DQP, promovido pela Direcção-Geral de Desenvolvimento Curricular do Ministério da Educação.

O DQP é um projeto desenhado para apoiar a autoavaliação e a melhoria dos contextos educativos para as crianças mais novas. Tem como principais objetivos desenvolver uma estratégia eficaz para avaliar e melhorar as oportunidades e qualidade da aprendizagem das crianças numa grande variedade de contextos de educação pré-escolar e implementar um processo colaborativo e sistémico de autoavaliação (Pascal & Bertram, 2009). Assume

uma perspetiva de construção de uma pedagogia participativa, quer ao nível do trabalho com as crianças, quer ao nível do trabalho em equipa e com as famílias. Centra-se num modelo de Avaliação e de Desenvolvimento da Qualidade e tem dois enfoques: a qualidade da relação educativa entre a criança e o adulto e ajudar os profissionais da educação de infância a olharem para o processo educativo de forma crítica, refletida e informada (Pascal & Bertram, 2000). Portugal e Laevers (2010) sugerem a utilização destas observações como uma preciosa ferramenta de trabalho para dar resposta às necessidades de cada criança, tendo em conta que, ao partir das experiências das mesmas, temos verdadeiramente em conta as diferentes necessidades e interesses de cada uma delas.

A ficha de observação serviu, sobretudo, para analisar a interação, o nível de implicação e o grupo de atividade da criança. Foram observadas oito crianças e foram escolhidas de forma aleatória, as observações aconteceram em contexto interior e exterior e em diversas atividades e brincadeiras.

A ficha de observação foi desenhada de forma que se pudesse averiguar:

- O grupo: Grande Grupo (GG); Pequeno Grupo (PG); Par (P) e individual (I);
- O Nível de implicação: 1 - ausência de atividade; 2 - atividade frequentemente interrompida; 3 - atividade mais ou menos contínua; 4 - atividade com momentos intensos; 5 - atividade intensa mantida;
- As Interações: CA \leftrightarrow A - interação equilibrada entre criança-alvo e adulto; CA \leftrightarrow C - interação equilibrada entre criança-alvo e criança; CA \rightarrow A - criança-alvo interage com adulto; CA \rightarrow C - criança-alvo interage com outra criança; CA \rightarrow GC - criança-alvo interage com um grupo de crianças; A \rightarrow CA - adulto interage com a criança-alvo; C \rightarrow CA - outra criança interage com a criança-alvo; \rightarrow CA \leftarrow - criança-alvo fala consigo própria; CA \leftrightarrow GC - interação equilibrada criança-alvo grupo de crianças.

Outra estratégia utilizada foi o registo fotográfico das produções das crianças, momentos de atividades e dos espaços e materiais. Permitiu analisar outras perspetivas da ação e, ainda, compreender melhor a forma como as crianças depreendem tudo aquilo que as rodeia e as suas próprias ações. “As fotografias tiradas pelos investigadores no campo fornecem-nos imagens para uma inspeção intensa posterior que procura pistas sobre

relações e atividades” (Bogdan & Biklen, 1994, p. 189). Relativamente ao instrumento adotado recorreu-se ao painel, (*Ver apêndice II - Atividade” Onde gosto mais de brincar”*) intitulado “*Onde gosto mais de brincar?”*, continha diversas fotografias dos equipamentos estruturados presentes no espaço exterior, bem como dos equipamentos e materiais não estruturados do espaço que sofreu a reestruturação e, cada criança, à vez, teve de colocar a sua fotografia junto da sua brincadeira preferida. Esta teve como principal objetivo conhecer as preferências das crianças e o possível impacto que teve a reestruturação do espaço comparativamente aos espaços já frequentados pelas crianças.

As entrevistas surgiram como estratégia para escutar as crianças e permitir que estas pudessem expressar livremente as suas opiniões, mas também de envolver a E.C. e, conseqüentemente, dar a conhecer as várias perspetivas. “Para além das perguntas que sucedem de modo natural e no decorrer da conversa, se efetuam os porquês e os esclarecimentos circunstanciais que possibilitam uma melhor compreensão das respostas, das motivações e da linha de raciocínio que lhes estão inerentes” (Sousa, 2005, p. 247). Para a sua concretização recorreremos aos guiões de entrevista tanto para as crianças como para a educadora cooperante. As entrevistas às crianças (*Ver apêndice III - Guião de entrevista às crianças*) foram realizadas de forma informal e cooperaram apenas as crianças que mostraram interesse e vontade. Embora o guião deste tipo de entrevista contenha perguntas fixas e iguais para todos os entrevistados, tentámos não “dirigir” as entrevistas, não limitar os entrevistados nas suas respostas, deixando-os manifestar livremente as suas opiniões e pensamentos, tendo em conta as questões formuladas.

A entrevista semiestruturada centra-se num determinado assunto sobre o qual é definido um roteiro com as questões principais, que são complementadas por outras inerentes às circunstâncias da entrevista e dos próprios entrevistados. A entrevista à educadora Cooperante (*Ver apêndice IV - Guião de entrevista à Educadora Cooperante*) foi entregue à própria por uma questão de rentabilização do tempo. “Em todas estas situações, a entrevista é utilizada para recolher dados descritivos na linguagem do próprio sujeito, permitindo ao investigador desenvolver intuitivamente uma ideia sobre a maneira como os sujeitos interpretam aspetos do mundo” (Bogdan & Biklen, 1994, p. 134).

O inquérito é outra estratégia presente neste estudo e é referido por Carmo e Ferreira (2008) como um processo em investigação que visa a obtenção de respostas expressas

pelos participantes no estudo (via escrita/oral), podendo ser implementado com recurso ao instrumento questionário:

- Questionário aos E.E. - um questionário é por norma aplicado a um conjunto de indivíduos (inquiridos), sobre os quais se pretende recolher informações (dados) para analisar, interpretar e retirar conclusões, tendo em vista responder aos objetivos da investigação. O questionário feito aos E.E. (*Ver apêndice V - Questionário aos Encarregados de Educação*) também foi entregue aos próprios e devolvidos pelos mesmos. Desde logo mostraram-se muito colaborativos e com interesse no projeto. O questionário é uma técnica de investigação composta por um conjunto de questões apresentadas por escrito. Contudo, existem dois tipos de questões: as questões de resposta aberta e as de resposta fechada. As questões de resposta aberta permitem ao inquirido construir a resposta com as suas próprias palavras, permitindo deste modo a liberdade de expressão. As questões de resposta fechada são aquelas nas quais o inquirido apenas seleciona a opção (de entre as apresentadas), que mais se adequa à sua opinião. No caso do questionário efetuado aos E.E., são compilados os dois tipos de questões podendo ser este considerado misto;

A principal estratégia assentou na promoção de diálogos com os vários intervenientes (crianças, E.E. e E.C.) e esteve presente em todos os momentos do estudo. O diálogo pode-se apresentar como um ato de respeito e escuta perante o outro e como mecanismo de aproximação entre os vários sujeitos e configura-se como condição fundamental no processo educativo enquanto fio condutor das práticas pedagógicas.

A escolha destas estratégias deveu-se sobretudo à idade das crianças, ao tema em questão e a toda a dinâmica do grupo e da relação família-creche. “A investigação-acção baseia-se essencialmente na observação de comportamentos e atitudes constatadas no decorrer da ação pedagógica e lidando com os problemas concretos localizados na situação imediata. Possui, por isso uma feição eminentemente empírica” (Sousa, 2005, p. 96).

O facto de ter desenvolvido este estudo em creche, fez com que tivesse de adaptar a recolha de informação às idades em questão. Valorizar a voz das crianças implicou

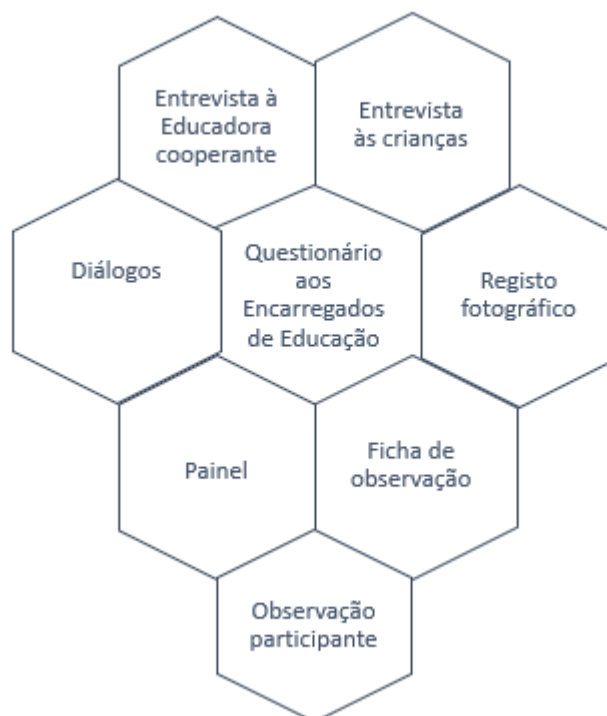
perceber as múltiplas modalidades de comunicação que lhe são intrínsecas e ajustar procedimentos e formas de recolha e registo de dados, considerando essas especificidades. Acrescentou-se a este desafio, a interrupção provocada pela COVID-19, e a necessidade de recorrer a outros informadores e estratégias para, em tempo útil, aceder a novas e complementares perspetivas, convenientes também ao estudo, razão pela qual se alargaram as auscultações às famílias e profissional das crianças participantes.

Como preocupação ética, numa fase preliminar do trabalho, foi entregue uma autorização aos Encarregados de Educação (*Ver apêndice VI – Consentimento Informado*) com o objetivo de tomarem conhecimento da investigação prática que iria decorrer na sala dos seus educandos e o consentimento informado para a recolha de fotografias e vídeos às crianças ainda que de um modo simples e lúdico, foi sempre explicada a intenção de cada dinâmica.

Esta intenção de captar uma gama mais ampla de experiências e perspetivas repercutiu-se na pluralidade dos métodos e ideias mobilizados, que o “esquema em mosaico” da figura seguinte procura sintetizar.

Figura 5

Esquema em mosaico de estratégias e instrumentos adotados





3.2. Itinerário de Pesquisa

O estágio que havia iniciado em novembro, teve um interregno por ordem de um confinamento sanitário entre janeiro e março, tendo sido retomado, assumindo como prioridade o bem-estar na reintegração das crianças no contexto e o restabelecimento dos laços de pertença ao grupo, por contraponto à necessidade de desenvolver a pesquisa em questão, por imperativos do cronograma formativo. A linha de intervenção do estudo surgiu, inicialmente, por meio de uma conversa com a Educadora cooperante. Foi exposto o tema do Relatório Final e considerou-se uma oportunidade, de, por via deste, envolver as crianças e famílias na apreciação e transformação dos espaços. Da primeira conversa com a E.C., referiu-se que o espaço exterior necessitava de sofrer uma reestruturação, mas que ainda não tinha sido concretizado por falta de oportunidade.

Foi então lançado o desafio de iniciar a reestruturação do espaço exterior que se tornou inadiável, dada a crescente necessidade de diversificar e qualificar espaços nomeadamente em espaço exterior aberto, como medida preventiva de funcionamento. Assim, a necessidade impulsionou o desejo e no fim de março, iniciaram-se as intervenções de remodelação da área exterior, com vista à construção de uma cozinha de lama e espaço de exploração livre de elementos naturais, juntamente com a restante equipa educativa, aliando-se o projeto de auscultação por abordagem de mosaico, como forma de monitorização das alterações e recolha de feedback sobre as intervenções. Durante este processo, a ficha de observação foi o primeiro instrumento a ser posto em prática, iniciando as observações e as anotações das mesmas no início do mês de abril, seguidamente foi realizada a atividade *“Onde gosto mais de brincar”* por meio de um painel no mês de abril e ainda no mês referido foram executadas as entrevistas às crianças. No mês de maio foram entregues aos E.E. os questionários e no mês de junho foi enviada a entrevista à Educadora.

CAPÍTULO III - INTERVENÇÃO NA REESTRUTURAÇÃO DO ESPAÇO EXTERIOR

O Projeto Educativo da instituição refere a existência de uma horta pedagógica, mas o espaço referente à horta efetivamente não existe. O espaço designado como tal, na realidade só continha duas laranjeiras.

Quando iniciei o estágio e, após a conversa que tive com a Educadora, tal como referido anteriormente, percebi que havia um projeto já de algum tempo para ser desenvolvido exatamente no espaço designado de horta pedagógica. O mesmo acabou por ser adiado por falta de oportunidade.

Reuniram-se todos os materiais necessários e iniciou-se então a reestruturação do espaço. Devido ao facto de a Educadora cooperante ter sido uma das grandes impulsionadoras, eu estive envolvida desde o primeiro dia. Foram necessárias algumas semanas e muito trabalho de equipa para dar uma “nova vida” a este espaço que não tinha praticamente nada à disposição das crianças e, para além disso, não reunia as melhores condições de segurança. Por ser exatamente o único espaço verdadeiramente natural, estava realmente a ser muito mal aproveitado. Foi fundamental criarem-se condições de segurança para que as crianças pudessem frequentar este espaço de forma segura e confiante. Construiu-se uma cozinha de lama, criou-se uma caixa de areia e de água, colocou-se caleiras no muro e um tubo no gradeamento para que as crianças pudessem comunicar mesmo estando afastadas e completou-se com utensílios de cozinha, requisitados aos encarregados de educação, com baldes, pás e materiais não estruturados variados.

O objetivo primordial foi criar um espaço que correspondesse aos interesses e necessidades do grupo e de cada criança, além de que o espaço foi inteiramente equipado com materiais não estruturados e permitiu promover um contacto mais próximo entre a criança e a natureza. As mesmas foram acompanhando esta transformação e tiveram sempre uma palavra a dizer. O grupo foi visitar o espaço várias vezes antes de estar pronto, e teceram comentários muito positivos e a regiram de forma muito efusiva. Desde

que o projeto foi iniciado que as crianças se mostraram muito entusiasmadas por terem um “novo” espaço para brincarem. Foi muito enriquecedor e gratificante poder contribuir para esta mudança e poder proporcionar às crianças que frequentam a instituição um espaço que corresponda aos interesses e necessidades das mesmas, investindo num espaço não convencional, tornando-o mais seguro, e ainda assim desafiador, funcional e acolhedor para as crianças.

De seguida vão ser apresentadas algumas imagens representativas do “antes” e do “depois” da intervenção.

Figura 6
O “antes”



Figura 7
O “depois”



CAPÍTULO IV - APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DE DADOS

Neste capítulo procede-se à apresentação e discussão dos resultados obtidos através das fichas de observação, das entrevistas às crianças, à E.C. bem como dos questionários aos E.E.

Segundo Stake (2009) entende-se por pesquisa, a recolha de informação e a produção de conhecimento, associado a outras pessoas num ambiente social, com o objetivo de compreender como algo funciona. Na investigação qualitativa o investigador pesquisa dados que representem experiências pessoais em situações específicas, neste sentido, recolhe dados sobretudo descritivos, o que lhe permitirá compreender os participantes e os fenómenos na sua especificidade e complexidade.

A investigação qualitativa utiliza principalmente metodologias que possam criar dados descritivos, permitindo assim ao investigador, observar o modo de pensar dos participantes no decorrer da investigação (Bogdan & Biklen, 1994).

1. Apresentação e Análise dos Dados - Ficha de Observação

Para sustentar esta investigação, foram utilizadas como técnicas de recolha de dados, a observação, que inclui a ficha de observação (*Ver apêndice VII – Transcrição dos registos da ficha de observação*) adaptada do Projeto Desenvolvendo a Qualidade em Parcerias (DQP).

Esta ficha serviu, essencialmente, para observar as brincadeiras livres ou orientadas das crianças e depois refletir a partir do que observamos, para perceber o que fazer, como fazer e muito importante, perceber o que não está bem no contexto envolvente da criança. Tratou-se de uma observação espontânea e livre e o método de registo utilizado foi o registo narrativo. Para além do registo de episódios, a observação incluiu a atribuição de um nível de implicação na brincadeira, do tipo de interação e do grupo em que se enquadrava.

No sentido de recolha de dados sobre os processos vividos pelas crianças na creche, o DQP apresenta ainda uma ficha de observação, denominada de ficha de observação de Oportunidades Educativas, que serviu de inspiração para a ficha de observação.

Tabela 1
Registos de observações realizadas

Descrição da Atividade	Grupo	Nível de implicação	Interação	Observações
<i>A criança estava a andar no triciclo no espaço exterior e a fingir que era uma mota.</i> <i>6/04/2021</i>	<i>I</i>	<i>5</i>	<i>→ CA ←</i>	<i>A criança enquanto andava no triciclo fingindo que era uma mota, reproduzia o som da mota “vrum vrum”</i>
<i>Estava a brincar com um grupo de crianças a fugir e a gritar dizendo que vinha aí o lobo mau, no espaço exterior.</i> <i>6/04/2021</i>	<i>PG</i>	<i>5</i>	<i>CA ↔ GC</i>	<i>Grupo de 3 crianças a fugir do lobo mau.</i>

<p><i>A criança fazia de conta que estava a comunicar com os aviões através de um “telefone”.</i></p> <p>6/04/2021</p>	I	5	→ CA ←	<p><i>A criança posicionou-se em cima de um pneu encostado à grade de forma a comunicar com os aviões que deixavam rasto no céu, através de um “telefone”.</i></p>
<p><i>A criança estava a fazer “bolos” com materiais disponíveis no espaço exterior.</i></p> <p>6/04/2021</p>	PG	5	CA ←→ GC	<p><i>A criança estava a fazer “bolos” com um grupo de crianças, usando pacotes de leite e outros materiais disponíveis no exterior.</i></p>
<p><i>A criança estava a andar nos carros e trotinetes existentes no espaço exterior.</i></p> <p>7/04/2021</p>	I	5	→ CA ←	<p><i>Enquanto andava nos carros reproduzia o som da buzina.</i></p>
<p><i>A criança estava a brincar no escorrega.</i></p> <p>7/04/2021</p>	PG	4	CA ←→ GC	
<p><i>A criança estava a colocar terra para um balde para cozinhar.</i></p> <p>8/04/2021</p>	PG	5	CA ←→ GC	
<p><i>A criança estava a brincar com forminhas e terra.</i></p> <p>8/04/2021</p>	P	5	A → CA	
<p><i>A criança estava a brincar com os utensílios e terra disponíveis no espaço exterior.</i></p> <p>8/04/2021</p>	I	5	CA ←→ A	

<p><i>A criança estava a brincar com “contas” (Jogo de enfiamento).</i></p> <p>8/04/2021</p>	<p>P</p>	<p>5</p>	<p>CA → C</p>	
--	----------	----------	---------------	--

Tal como referido no itinerário de pesquisa, foram observadas aleatoriamente oito crianças ao longo do mês de abril e em diferentes contextos. Analisando a ficha de observação é possível concluir que a maioria das interações correspondem à interação equilibrada criança-alvo e grupo de crianças (CA \leftrightarrow GC) e à interação em que a criança-alvo fala consigo própria (\rightarrow CA \leftarrow). Relativamente aos grupos, os mais assinalados foram o pequeno grupo (PG), pares (P) e individual (I) e o nível de implicação que mais se observou foi o nível 5. Neste seguimento, averiguou-se também que a maioria destas interações aconteceram no espaço exterior e em diversas brincadeiras.

Através das anotações relativas às observações efetuadas, note-se que a maioria das crianças alvo interage com o grupo de crianças com mais frequência quando as brincadeiras acontecem no exterior. O mesmo acontece nas brincadeiras em que a criança alvo comunica consigo própria. Corroborando o que foi referido anteriormente pela E.C., quando questionada sobre a comunicação exercida no espaço exterior, verificou-se que esta era exercida com maior frequência neste espaço, tanto entre pares, em grande grupo e com os adultos fundamentalmente pela brincadeira de “faz de conta” e pelos jogos que muitas vezes surgem espontaneamente ou até pela necessidade de definir regras.

Desta análise fica claro que de facto o espaço exterior representa múltiplas oportunidades e benefícios para o desenvolvimento integral da criança.

2. Apresentação e Análise dos Dados - Entrevista às Crianças

A entrevista realizada surgiu como uma necessidade imediata de conhecer e ouvir a perspectiva das crianças a respeito dos espaços e materiais disponíveis. O modelo adotado foi o da entrevista semiestruturada, que consiste num modelo de entrevista entre o estruturado (em que o entrevistador segue um guião de perguntas rígido e espera respostas breves dos entrevistados para obter informação quantificável para tratamento estatístico posterior) e o não estruturado (em que a interação se desenvolve à volta de temas sem perguntas específicas e respostas codificadas). O mesmo deve ser construído a partir das perguntas de pesquisa assim como dos eixos de análise do projeto de investigação (Afonso, 2005).

As entrevistas às crianças (*Ver apêndice VIII – Transcrição das entrevistas às crianças*) focaram-se, fundamentalmente, em três principais categorias. A primeira centra-se nos “Recursos materiais” que tem como subcategorias os “Recursos materiais preferidos” e “O que gostariam de acrescentar à sala”; a segunda categoria caracterizou-se como “Espaço interior/exterior” e foi designada uma subcategoria: “Espaço preferido”. Esta categoria serviu, fundamentalmente, para avaliar o espaço que as crianças mais privilegiam. Relativamente à terceira categoria, o “Brincar” atribui-se como subcategoria: “Como (sozinhas ou acompanhadas), porquê, onde e com o quê (gostam mais de brincar)”. A categorização foi um dos processos de análise de dados adotado com o propósito de analisar e organizar a informação recolhida.

Neste seguimento, passamos a apresentar e a discutir os dados relativos à categoria Recursos materiais e respetivas subcategorias.

Categoria: Recursos materiais

Subcategoria: Recursos materiais preferidos

Unidades de registo

- C1 - *“As coisas de cozinha, os jogos, os legos e os livros.”*
- C2 - *“Os bebés, a cama e o espelho”*
- C3 - *“Gosto de brincar com os legos e com os bebés e também com os carros.”*
- C4 - *“Gosto do escorrega, do camelo, do peixe e dos bebés.”*
- C5 - *“Gosto de brincar com os animais.”*
- C6 - *“Os bebés e os jogos.”*
- C7 - *“Os carros e a bola.”*
- C8 - *“Os animais e os bebés.”*

Subcategoria: O que gostariam de acrescentar à sala

Unidades de registo

- C1 - *“Uma coroa e uma varinha mágica.”*
- C2 - *“Gostava de ter um castelo.”*
- C3 - *“Gostava de trazer mais bonecos.”*
- C4 - *“Gostava de trazer um macaco de peluche.”*
- C5 - *“Gostava de trazer um prazer passarinho de estimação.”*
- C6 - *“Gostava de trazer papel e bebés.”*
- C7 - *“Um microfone.”*
- C8 - *“Gostava de trazer o fato de bailarina.”*
- C9 - *“Gostava de trazer um unicórnio”.*

Nesta categoria, observamos que, no que diz respeito aos recursos materiais, as crianças elencaram como preferidos, tanto brinquedos presentes na sala como do espaço exterior, sendo que a maioria dos entrevistados referiu como preferidos os recursos materiais presentes no espaço interior. Relativamente à subcategoria “O que gostariam de

acrescentar à sala” é possível notar, através de respostas como *“Gostava de ter um castelo”*; *“Gostava de trazer um prazer passarinho de estimação”*; *“Gostava de trazer o fato de bailarina”* que a intenção principal era a de obter respostas sinceras e reforçar, sobretudo, que apesar de parecerem inusitadas, são exequíveis e concretizáveis através de outros recursos materiais (como tecidos e material reciclável) que são facilmente alcançáveis.

Categoria: Espaço interior/exterior

Subcategoria: Espaço preferido

Unidades de registo

C1 - *“Gosto mais de brincar na rua.”*

C2 - *“Gosto mais de brincar na rua.”*

C3 - *“Gosto mais de brincar na rua.”*

C4 - *“Gosto mais de brincar lá fora.”*

C5 - *“Gosto mais de brincar na rua.”*

C6 - *“Gosto mais de brincar na rua.”*

C7 - *“Lá fora.”*

C8 - *“Gosto mais de brincar na rua.”*

C9 - *“Gosto mais de brincar na rua.”*

A segunda categoria, tal como explicitado anteriormente, cingiu-se apenas a uma subcategoria o “Espaço preferido”. Analisando todas as unidades de registo é possível concluir que as nove crianças entrevistadas reponderam o espaço exterior. Estas repostas só vêm reforçar a importância e o impacto que o exterior tem nas crianças, mas que muitas vezes é menosprezado pela equipa educativa como pelos próprios pais.

Para complementar esta análise, a atividade do painel (ver figuras abaixo) *“Onde gosto mais de brincar?”* permitiu exatamente perceber que equipamentos/brincadeiras as crianças elegeram como preferidos presentes em ambos os espaços exteriores. É de notar

que a maioria escolheu os equipamentos estruturados, já existentes no espaço, embora os “novos” equipamentos tenham também sido considerados por algumas crianças. Possivelmente se as crianças tivessem mais tempo a usufruir e a explorar o “novo” espaço, e a atividade tivesse sido realizada numa linha do tempo mais longa, as escolhas poderiam diferir.

Figura 8
Painel



Figura 9
Escolha das crianças no painel



Categoria: Brincar

Subcategoria: Como (sozinhas ou acompanhadas), porquê, onde e com o quê

Unidades de registo

C1 - *“Gosto mais de brincar sozinha na rua. Gosto mais de brincar na cozinha de lama com as coisas da cozinha.”*

C2 - *“Gosto mais de brincar com os amigos porque brinco mais. Gosto mais de brincar na rua na cozinha.”*

C3 - *“Gosto mais de brincar com os amigos porque é mais divertido. Gosto mais de brincar lá fora. Gosto de fazer piqueniques com os amigos.”*

C4 - *“Gosto mais de brincar sozinha. Gosto mais de brincar lá fora. Gosto mais de brincar no comboio.”*

C5 - *“Gosto mais de brincar sozinha lá fora. Gosto de brincar no camelo”.*

C6 - *“Gosto mais de brincar sozinha na sala. Gosto mais de brincar com os bebés porque eu gosto.”*

C7 - *“Gosto mais de brincar com os amigos lá fora. Gosto de brincar com as bolas.”*

C8 - *“Gosto mais de brincar sozinha na rua. No escorrega porque é divertido.”*

C9 - *“Gosto mais de brincar com os amigos na sala com os livros.”*

Por último, foi definido o “Brincar” como terceira categoria tendo como subcategoria “Como, porquê, onde e com o quê”. Na entrevista foi questionado às crianças se gostavam mais de brincar com os amigos ou sozinhas, onde, porquê e com o quê. Tal como foi referido no itinerário de pesquisa, a entrevista foi realizada em simultâneo à reestruturação do espaço exterior e, analisando as unidades de registo, a C1 afirmou *“Gosto mais de brincar sozinha na rua. Gosto mais de brincar na cozinha de lama com as coisas da cozinha”* referenciando o “novo” espaço, como resposta à pergunta: “Com que gostas mais de brincar?”. Através das unidades de análise denota-se ainda que a maioria dos entrevistados prefere brincar sozinho e “lá fora”.

Analisando a informação acima referida podemos afirmar que o exterior é sem dúvida o espaço de eleição para as brincadeiras das crianças, além disso os recursos/materiais disponibilizados no espaço exterior são também os mais elencados.

3. Apresentação e Análise dos Dados - Questionário aos Encarregados de Educação

O questionário efetuado aos E.E. teve como principal objetivo conhecer as respetivas opiniões relativamente à importância do espaço exterior nas brincadeiras dos seus educandos e qual o papel dos adultos de referência neste espaço.

O questionário aos encarregados de educação foi dividido em duas partes, a parte um que corresponde à caracterização dos participantes e a parte dois que se refere à influência do espaço exterior nas brincadeiras das crianças. No total foram inquiridos treze E.E., dos quais oito correspondem ao grau de parentesco “Mãe” e cinco ao grau parentesco “Pai”.

Tabela 2

Grau de Parentesco com o Educando

Grau de Parentesco	Nº de respostas
Mãe	8
Pai	5

Tabela 3

Número de Filhos

Nº de filhos	Nº de respostas
1	4
2	8
3	1

Tabela 4

Idade dos E.E.

Intervalo de idades	Nº de respostas
20-25	0
25-35	0
35-40	9
40-45	4
Mais de 45	0

Tabela 5
Habilitações Académicas dos E.E.

Habilitações Académicas	Nº de respostas
Ensino Básico (até ao 9º ano)	0
Ensino Secundário (até ao 12º ano)	0
Bacharelato	1
Licenciatura	4
Mestrado	6
Doutoramento	2

A maioria dos E.E. tem entre um e dois filhos e insere-se no intervalo de idades entre os trinta e cinco e os quarenta anos. Nenhum dos questionados respondeu que tinha habilitações académicas abaixo do bacharelato, o que significa que todos têm cursos superiores.

Através da análise dos questionários foi possível definir como categoria a “Influência do espaço exterior nas brincadeiras das crianças” e três subcategorias: “Benefícios do espaço exterior enquanto impulsionador de aprendizagens”, “Olhar sobre o espaço exterior” e por fim “O papel da educadora no espaço exterior”.

Categoria: Influência do espaço exterior nas brincadeiras das crianças

Subcategoria: Benefícios do espaço exterior enquanto impulsionador de aprendizagens

Unidades de registo

EE2 - “Sim. No espaço exterior há maior possibilidade de exploração e de recreação. Em casa os espaços têm mais regras, as crianças estão geralmente mais condicionadas.”

EE12 - “Sim. Para além de todas as vantagens que traz ao nível da saúde, é essencial fomentar-se uma interação com a natureza, muitas vezes de forma não estruturada. É bom que as crianças se sujem e apanhem chuva.”

EE5 - “Compreender a importância de proteger a natureza; conhecer várias espécies de plantas e animais; sensibilizar e criar empatia com as várias espécies; não ter medo de explorar; brincar ao “faz de conta” com elementos da natureza; observar animais; desenhar o que estão a ver no espaço exterior; socializar nas brincadeiras.”

EE1 - “As últimas “obras” foram e refletem-se numa iniciativa muito interessante. O contacto com espaços que envolvem a natureza contribuem para um desenvolvimento físico e cognitivo mais saudável.”

EE9 - “É saudável. Permite o contacto com outras crianças e com a natureza. Permite ganhar anticorpos, aumenta a mobilidade, a destreza motora, a resistência física, o gasto de energias, etc.”

EE13 - “Na minha opinião o espaço exterior é um espaço privilegiado no que toca à promoção da estimulação sensorial, criatividade, resiliência entre outros.”

EE11 - “Penso que o espaço exterior é fundamental para o desenvolvimento global da criança.”

Perante estas unidades de registo é possível aferir que a grande maioria dos E.E. afirma que o espaço exterior acarreta vantagens, benefícios e possibilita aprendizagens às crianças. No questionário foi perguntado diretamente se consideravam que o espaço exterior poderia proporcionar aprendizagens às crianças e de que forma.

Ainda no seguimento desta subcategoria, no questionário foram também colocadas perguntas de respostas fechadas, nomeadamente sobre a importância do espaço exterior para as crianças, a pertinência da reestruturação do espaço, a suficiência de recursos existentes e sobre o tempo de qualidade que as crianças passam neste.

Tabela 6

Perspetiva dos E.E. sobre a importância, o tempo de qualidade e a pertinência da reestruturação do espaço exterior e a suficiência de recursos

Escala das respostas (1-5)	Importância do espaço exterior para as crianças (número de respostas)	Pertinência da reestruturação do espaço exterior (número de respostas)	Suficiência dos recursos existentes (número de respostas)	Tempo de qualidade que as crianças passam no espaço exterior (número de respostas)
5	13	12	1	10
4	0	0	9	3
3	0	0	2	0
2	0	0	1	0
1	0	0	0	0
NR	0	1	0	0

Analisando a tabela com as treze respostas em escala de (1 a 5), em que o 1 representa “Muito Pouco” ou “Discordo Totalmente” e o 5 “Bastante” ou “Concordo Totalmente”, às questões mencionadas anteriormente, percebemos que o espaço exterior detém uma grande relevância para as crianças na perspectiva dos E.E., sendo que todos os participantes selecionaram o número mais elevado de concordância da escala 5.

Relativamente à pertinência da reestruturação do espaço, um E.E. não respondeu e deixou uma nota afirmando que não se tinha apercebido e que por isso não ia responder, todos os outros afirmaram que de facto teve bastante pertinência assinalando, novamente, a máxima concordância da escala.

No que concerne à suficiência dos recursos existentes, nove dos inquiridos respondeu o nível 4, dois o nível 3, um o nível 1 e apenas um respondeu o nível máximo. Isto significa que a maioria concorda que os recursos existentes na instituição são suficientes.

Por fim, à questão relativa ao tempo de qualidade que as crianças passam no espaço exterior, a maioria respondeu que concorda totalmente 5 e apenas três respostas indicaram que concordam selecionando o número 4 da escala.

Categoria: Influência do espaço exterior nas brincadeiras das crianças

Subcategoria: Olhar sobre o espaço exterior

Unidades de registo

EE2 - *“O espaço é pequeno mas bem aproveitado. Faltam a meu ver árvores nos dois lados do espaço exterior. A cozinha que construíram foi uma excelente iniciativa. Houve e penso que continua a existir um espaço de horta, mas o mais importante é o bom aproveitamento do espaço que existe.”*

EE12 - *“Penso que esteve muito tempo subaproveitado e que devia ter uma utilização mais frequente, sobretudo no inverno.”*

EE5 - *“Apesar de não ser muito grande, penso está muito bem organizado, mesmo com todas as limitações impostas pela pandemia. Consegue ter um pouco de “espaço natural” com terra e plantas, juntamente com o parque infantil.”*

EE1 - *“O espaço em si é bom, muito embora a exposição ao vento, dada a sua localização, não seja a melhor.”*

EE9 - *“É pequeno mas bom para brincar. Tem poucos elementos naturais e exploratórios, honra seja feita à cozinha de lama.”*

EE13 - *“O espaço exterior desta instituição é bom e ganhou muito com a cozinha nova.”*

EE11 - *“Neste momento, penso que está muito bom. Deveria ser um pouco maior com mais estruturas naturais como obstáculos.”*

Em relação à subcategoria “Olhar sobre o espaço exterior” a maioria dos E.E. refere que o espaço é pequeno e que carece de elementos e de estruturas naturais como obstáculos. É mencionado o impacto da reestruturação, principalmente, como um bom aproveitamento do pouco espaço natural à disposição. Na questão de resposta aberta feita aos participantes, foi pedido que dessem o seu parecer sobre o espaço exterior da creche (englobando os anteriores e o mais recente), indagando as suas opiniões para melhorar o layout e os recursos do espaço. De um modo geral foi constatada uma satisfação global positiva com a oferta e organização dos diversos ambientes exteriores,

destacando-se o apreço pelo aproveitamento e melhoria do novo espaço natural, sem deixar de reconhecer algumas das suas limitações como a dimensão, a exposição térmica, e escassas estruturas naturais.

Uma outra vertente da auscultação feita por questionário aos E.E. pendia para o interesse em perscrutar as perspetivas pessoais e vivências familiares, fora do contexto educativo, na exploração de outros espaços exteriores e de brincadeira livre com as suas crianças. Assim, procurou averiguar-se a frequência com que as crianças brincavam com as famílias em ambiente natural e no parque. Verifica-se, através das respostas, que em ambiente natural uma grande parte dos educandos brinca pelos menos uma vez por semana e outra grande parte brinca todos os dias e obteve-se apenas uma resposta na frequência “Menos de 1x mês”. O que significa que de facto os ambientes naturais apresentam uma enorme relevância na perspetiva dos E.E., tal como é mencionado acima nas unidades de registo.

Tabela 7
Frequência de brincadeira das crianças em ambiente natural

Frequência de brincadeira das crianças em ambiente natural	Nº de respostas
Nunca	0
Menos de 1x mês	0
1x mês	1
1x semana	6
Todos os dias	6

Tabela 8
Frequência de brincadeira das crianças no parque

Frequência de brincadeira das crianças no parque	Nº de respostas
Nunca	0
Menos de 1x mês	0
1x mês	5
1x semana	5
Todos os dias	2

Nota. O EE3 não respondeu à questão

Relativamente à tabela correspondente à frequência de brincadeira em parque, denota-se que a frequência é menor relativamente ao ambiente natural. Cinco respostas incidiram sobre a frequência “1x mês” e sobre a frequência “1x semana” e apenas duas respostas na frequência “todos os dias”. É de salientar a sensibilidade dos encarregados de educação

para o facto de usufruírem mais de um espaço natural com os seus educandos, mesmo vivendo num meio urbano onde os parques acabam por prevalecer. Estes dados, na verdade, poderiam gerar algum ceticismo e levar a problematizar o efeito de desejabilidade social das respostas, porém, não deve ser alheia à análise das respostas, o forte condicionamento contextual sociohistórico que atravessou este estudo, e é reconhecido que durante o período da pandemia, a necessidade de distanciamento social e a redução do uso de espaços fechados levaram a um aumento do uso e a apreciação do espaços exteriores e uma procura ativa de vivências na natureza, por questões de saúde física e mental.

Foi necessário, também, perceber junto dos inquiridos quais poderiam ser, na perspetiva dos próprios, as barreiras que impedissem a brincadeira do seu educando no exterior, em que medida poderia o seu educando beneficiar de brincar neste espaço e que recursos consideram relevantes. Estas três questões foram feitas em forma de seleção, reposta fechada, com várias opções de repostas, selecionando apenas as que considerariam.

Tabela 9

Perspetiva dos E.E. sobre o que consideram ser barreiras para as brincadeiras do/a seu/sua filho(a)

Barreiras para a brincadeira do/a seu/sua filho(a) no espaço exterior	Nº de respostas
Falta de tempo	12
Condições meteorológicas	9
Preocupação com a sujidade	0
Medo que se magoe	1
Perigo desconhecido	1
Preocupação dos pais (e.g.: ansiedade)	2
A idade da criança	0
A condição das instalações (e.g.: condições do parque)	5
Nenhuma das referidas	0

No que se refere às barreiras, a maioria dos E.E. assinalou a falta de tempo como um dos maiores entraves, seguida das condições meteorológicas e das condições das instalações. Através destas respostas podemos afirmar que a segurança, as condições meteorológicas e a falta de tempo por parte dos E.E. representam as maiores condicionantes.

Averiguou-se, junto dos inquiridos e de acordo com as suas perspetivas, os benefícios que o brincar no exterior promove nas crianças. Os E.E. foram desafiados a assinalar as opções, de acordo com as suas perspetivas, em que o/a seu/sua filho(a) poderia tornar-se brincando no espaço exterior.

Tabela 10

Perspetiva dos E.E. sobre os benefícios do brincar no espaço exterior

O brincar no espaço exterior tornará o/a seu/sua filho(a):	Nº de respostas
Confiante	9
Corajoso	4
Resiliente	1
Criativo	6
Sociável	2
Independente	4
Capaz de aprender	2
Capaz de tomar decisões	3
Feliz	7
Saudável	7
Nenhuma das opções	0

Como características socioemocionais e biológicas, note-se que a confiança, a criatividade, a felicidade e a saúde foram as mais escolhidas. De facto, os E.E. têm consciência do impacto positivo e dos benefícios que o brincar no exterior promove e desenvolve nas crianças.

Tabela 11

Perspetiva dos E.E. sobre os recursos que consideram importantes para a brincadeira do/a seu/sua filho(a)

Recursos importantes para a brincadeira do/a seu/sua filho(a)	Nº de respostas
Brinquedos	6
Areia	12
Água	9
Recursos Naturais (e.g.: árvores, arbustos...)	11
Estruturas ou elementos naturais para escalar	5
Estruturas ou elementos naturais para deslizar/escorregar	8
Estruturas ou elementos naturais para saltar	6
Estruturas ou elementos naturais para balançar	5
Estruturas ou elementos naturais para se equilibrar	7
Esconderijos	9
Lugares onde a criança se possa sentar (e.g.: para descansar ou para reunir-se com outras crianças)	5
Nenhuma das opções	0

Percebemos anteriormente, através das unidades de registo, que os E.E. referiram que o espaço exterior apresenta poucos ou nenhuns elementos e obstáculos naturais. No questionário realizado, foi pedido aos mesmos que selecionassem, de entre uma panóplia de recursos, os que consideravam os mais importantes para a brincadeira.

Denote-se que a opção mais indicada foi a areia, seguido de recursos naturais como árvores e arbustos. A água, os esconderijos e os elementos naturais para deslizar/escorregar e equilibrar foram também bastante referidos por parte dos E.E. Quando se iniciou a reestruturação do espaço natural, foi possível colocar uma caixa de areia e água.

Por fim, foi ainda colocado um conjunto de questões abertas sobre o perfil e papel dos profissionais no espaço exterior.

Categoria: Influência do espaço exterior nas brincadeiras das crianças

Subcategoria: O papel da educadora no espaço exterior

Unidades de registo

EE12 - “Intervir o mínimo possível e incentivar a autonomia da criança e a exploração do espaço envolvente.”

EE5 - “Ajudar a dar confiança para explorar sítios e desenvolver a criatividade e independência a brincar. Ajudar a compreender a importância de explorar e preservar a natureza.”

EE9 - “Deixar brincar e supervisionar em caso de necessidade. Prestar auxílio quando é preciso ajudar os miúdos a interagir e a tirar o melhor partido das brincadeiras.”

EE13 - “O educador deve ter um papel de mediador, intervindo quando necessário de modo a fomentar a partilha dos brinquedos e equipamentos. Penso que também será responsável em dinamizar brincadeiras.”

EE11 - “O educador terá de preparar o espaço pensando nas necessidades de cada criança. Ajudar as crianças que têm dificuldade em sair da sua zona de conforto, bem como, proporcionar diferentes desafios.”

No âmbito da última subcategoria, “O papel da educadora no espaço exterior”, os E.E. manifestaram-se relativamente ao que pensam ou idealizam ser o papel da educadora neste espaço. Mediante as unidades de registo destacam-se características como estimular e promover a socialização e contribuir para momentos de interação e de ligação entre todos e com a natureza. Ainda são descritas perspetivas por parte dos E.E., que reforçam o papel da educadora como o de mediadora, responsável por dinamizar brincadeiras e desafiar as crianças que têm dificuldade em sair da sua zona de conforto.

4. Apresentação e Análise dos Dados - Entrevista à Educadora Cooperante

A entrevista realizada à educadora cooperante (*Ver apêndice IX – Transcrição da entrevista à Educadora Cooperante*) pretendeu aferir, fundamentalmente, a sua opinião sobre a importância do espaço exterior/interior e o impacto nas crianças e a relevância dos recursos e materiais.

Do ponto de vista da caracterização do entrevistado, é de ressaltar que tem dezoito anos de tempo de serviço, dos quais nove correspondem à creche e já trabalhou com todas as faixas etárias. Relativamente às habilitações académicas, obteve o grau de Mestre.

Através da análise da entrevista foi possível definir três categorias: “Estrutura e organização do espaço sala”, “Recursos materiais” e “Espaço interior e exterior”. Dentro da organização e do espaço foram definidas como subcategorias: “Organização do espaço sala”; “Intenções da educadora”; “Alterações ao plano inicial” e “Espaços usados (“pré e pós” pandemia)”.

Na categoria “Recursos materiais” resultaram quatro subcategorias: “Recursos materiais que as crianças mais valorizam”; “Potencialização/melhoramento dos materiais” e “Diferenças entre materiais de finalidade específica ou finalidade aberta na exploração da criança”.

Por fim, a categoria “Espaço interior e exterior” dividiu-se em cinco subcategorias: “Preferência das crianças”; “Diferenças entre espaços a nível da comunicação entre pares e com os adultos”; “Diferenças entre espaços nas destrezas/ações motoras”; “Brincar ao ar livre” e “Atitude perante as brincadeiras no exterior”.

Neste seguimento, passamos a apresentar e a discutir os dados relativos à categoria “Estrutura e organização do espaço” e respetivas subcategorias.

Categoria: Estrutura e organização do espaço sala

Subcategoria: Organização da sala

Unidade de registo

EC - “A organização da sala foi decidida no início do ano letivo pela equipa educativa da sala de atividade”.

Subcategoria: Intenções da educadora

Unidade de registo

EC - “Disponibilizar ao nível das crianças todos os materiais disponíveis”;

Criar um espaço acolhedor e funcional para os momentos de reunião de grupo, ao mesmo tempo que pudesse acolher as brincadeiras livres num espaço amplo;

Um espaço que oferecesse segurança e que promovesse o seu conforto e bem-estar.”

Subcategoria: Alterações ao plano inicial

Unidade de registo

EC - “As alterações vão ocorrendo sempre que se tornar necessário. Mas, a realidade é que apenas surgiram no meio do ano letivo quando houve necessidade do seu reajuste. Alterámos a disposição das duas mesas da sala para criar um espaço mais amplo que lhes promovesse maior liberdade de movimentos”.

Subcategoria: Espaços usados (“pré” e “pós” pandemia)

Unidade de registo

EC - “Na Creche todas crianças podem usar o espaço da sua sala e os espaços comuns, tais como, biblioteca, refeitório, espaço de lama/terra, dois espaços exteriores com equipamentos fixos e móveis. Contudo depois dos primeiros confinamentos foi necessário reorganizar os tempos de utilização de cada espaço, uma vez que nos encontramos a funcionar por “bolhas”, e que por isso as crianças de um determinado grupo não se podem “misturar” com outro”.

Relativamente à categoria “Estrutura e organização do espaço sala” foi questionado à entrevistada quando e por quem foi decidido a organização da sala e podemos perceber, pela unidade de registo, que se decide no início de cada ano letivo e pela equipa da sala educativa. No seguimento da primeira subcategoria “Organização da sala”, foi colocada a questão relacionada com as intenções que sustentaram estas opções. Aferiu-se que a preocupação em dispor todos os materiais ao nível das crianças, a criação de um espaço acolhedor e funcional e que oferecesse segurança e promovesse o conforto e bem-estar foram as principais finalidades por detrás das escolhas e tomadas de decisão anteriormente referidas.

Ainda dentro desta categoria, interrogou-se a entrevistada relativamente a alterações necessárias ao plano inicial de forma averiguar quais, porquê e quando. Tal como refere a E.C. ocorreram alterações com o objetivo de proporcionar um espaço mais adequado e que respondesse às necessidades das crianças.

Devido ao facto de o estágio ter sido realizado durante a pandemia, tal como referido no ponto “Caracterização do contexto e participantes”, houve necessidade de questionar, em forma de esclarecimento, que espaços poderiam ou não ser usados pelo grupo de crianças em questão, tanto no “pré” como nos “pós” pandemia. A E.C. afirmou que as crianças podem usar o espaço da sua sala e os vários espaços comuns, contudo, depois dos primeiros confinamentos, houve necessidade de se reorganizar os tempos de utilização de cada espaço para que os vários grupos não se cruzassem.

Categoria: Recursos materiais

Subcategoria: Recursos materiais que as crianças mais valorizam

Unidade de registo

EC - “Legos”;

“Livros”;

“Puzzles”;

“Material/utensílios de cozinha, faz de conta, bonecos/bebés”;

“Materiais de fim aberto”.

Subcategoria: Potencialização/melhoramento dos materiais

Unidade de registo

EC - “Sim, poderiam ser melhorados. De vez em quando arrumamos alguns jogos e colocamos outros novos, temos um armário onde arrumamos jogos para ir repondo”.

Subcategoria: Diferenças entre materiais de finalidade específica ou finalidade aberta na exploração da criança

Unidade de registo

EC - “Sim, há diferenças, para além de que os materiais de fim aberto oferecerem uma diversidade de possibilidades de exploração, normalmente as crianças envolvem-se mais tempo nessa determinada ação”.

A categoria a ser analisada de seguida refere-se aos “Recursos materiais”. Relativamente à primeira subcategoria “Recursos materiais que as crianças mais valorizam”, a questão subjacente foi colocada a dois sujeitos deste estudo, às crianças (como referido anteriormente) e à E.C. com o objetivo de aferir as duas perspetivas, mas também confrontá-las. A E.C. referiu os “legos”; os “livros”; os “puzzles”; o “material/utensílios de cozinha, faz de conta, bonecos/bebés” e os “materiais de fim aberto” como favoritos das crianças. Com isto, é possível afirmar-se que a maioria dos referidos, por parte da E.C., como brinquedos/recursos materiais preferidos foi também ressaltado pelas crianças. Confrontando as respostas dos dois sujeitos, salienta-se o papel ativo e presente que a E.C. assume no dia a dia e nas rotinas das crianças, tendo um olhar atento sobre os seus interesses e necessidades conseguindo assim dar resposta ao grupo e a cada criança.

No âmbito da última subcategoria, “Diferenças entre materiais de finalidade específica ou finalidade aberta na exploração da criança”, através da análise da unidade de registo, a

E.C. denota diferenças e afirma também que os materiais de finalidade aberta potenciam a exploração da criança.

Categoria: Espaço interior e exterior

Subcategoria: Preferência das crianças

Unidade de registo

EC - “Depende dos espaços disponíveis para a sua utilização (uma vez que temos três espaços exteriores diferentes para usufruir) mas preferencialmente as crianças escolhem a rua (o espaço exterior)”.

Subcategoria: Diferenças entre espaços a nível da comunicação entre pares e com os adultos

Unidade de registo

EC - “Ao nível da comunicação entre pares, julgo que no espaço exterior existe maior interação verbal, uma vez que existem mais situações para gerir e partilhar. Ao nível da comunicação com os adultos no espaço exterior há maior interação, o adulto é mais vezes solicitado para gerir conflitos”.

Subcategoria: Diferenças entre espaços nas destrezas/ações motoras

Unidade de registo

EC - “Ao nível das ações motoras é de longe mais estimulante o espaço exterior, permitindo-lhe uma maior exploração dos espaços, aperfeiçoando as suas competências motoras”.

Subcategoria: Brincar ao ar livre com chuva

Unidade de registo

EC - “Claro que sim, aperfeiçoando-as com equipamento adequado para diferentes condições meteorológicas”.

Subcategoria: Atitude perante as brincadeiras no exterior

Unidade de registo

EC - “Efetivamente procuro ser um adulto acompanhante, supervisor que se envolve com as crianças promovendo um agente ativo e tentando construir o seu espírito crítico enquanto brinca”.

Por último, foi definido o “Espaço interior e exterior” como terceira categoria tendo como subcategorias: “Preferência das crianças”; “Diferenças entre espaços a nível da comunicação entre pares e com os adultos”; “Diferenças entre espaços nas destrezas/ações motoras”; “Brincar ao ar livre” e “Atitude perante as brincadeiras no exterior”.

Na entrevista foi pedido que indicasse a preferência das crianças relativa aos espaços interior e exterior e conforme a unidade de registo, o espaço exterior é referido como o preferido.

Foi também questionado as diferenças entre espaço exterior e interior ao nível da comunicação entre si e com os adultos. Tal como referem as unidades de registo, é possível concluir que no espaço exterior existe uma maior comunicação entre pares justificada pela necessidade de partilha e gestão de situações e com os adultos devido a uma maior interação e solicitação para mediar e gerir conflitos. Ao nível da destreza/ação motora nos diferentes espaços note-se que o exterior é indicado como o mais estimulante para o aperfeiçoamento de competências motoras. Confrontando os dados apresentados com os indicados na ficha de observação, uma das interações mais registadas é a interação equilibrada entre criança-alvo e grupo de crianças e a maioria destas interações foram registadas no espaço exterior. Analisando os dados acima referidos, é possível afirmar que a educadora tem uma noção clara das preferências do seu grupo de crianças,

além de que o espaço exterior é o que mais fomenta e promove as competências sociais e motoras das crianças.

Relativamente à perspetiva da educadora cooperante sobre o brincar ou não brincar ao ar livre com chuva, a mesma refere que concorda facilitando o uso de equipamentos adequados para as diferentes condições meteorológicas.

Da mesma forma que foi questionado aos E.E., a E.C. foi desafiada a descrever o seu papel enquanto as crianças brincam no exterior. Analisando a unidade de registo, pode concluir-se que tudo o que foi afirmado pela mesma foi também reiterado pelos E.E. de uma forma geral. Ambos reforçam o papel de adulto que acompanha, supervisiona e envolve-se nas brincadeiras das crianças.

No seguimento das perguntas de resposta fechada, foi ainda pedido que ordenasse por preferência, de 1 a 4, os motivos que influenciam a sua decisão em permitir que as crianças brinquem no exterior. A própria prática Pedagógica surge em primeiro, de seguida o currículo da creche, em terceiro as condições da creche e por último a expectativa dos pais.

Além de tudo o que foi elencado, a entrevista continha três das questões de resposta fechada que foram também colocadas aos E.E. A primeira: “Quais destes recursos considera importantes para a brincadeira das crianças” na qual foram todos selecionados:

Tabela 12 - Perspetiva da E.C. sobre os recursos que considera importantes nas brincadeiras das crianças

Respostas	Itens assinalados
Brinquedos	X
Areia	X
Água	X
Recursos naturais (e.g.: árvores, arbustos)	X
Estruturas ou elementos naturais para escalar	X
Estruturas ou elementos naturais para deslizar/escorregar	X
Estruturas ou elementos para saltar	X
Estruturas ou elementos naturais balançar	X
Estruturas ou elementos naturais para se equilibrar	X
Esconderijos	X
Lugares onde se possa sentar (e.g.: para descansar ou para reunir-se com outras crianças)	X

A segunda questão refere-se aos entraves/barreiras nas brincadeiras das crianças, sendo que foi selecionado apenas a opção - condições meteorológicas:

Tabela 23 - Perspetiva da E.C. sobre os recursos que considera ser os entraves/barreiras nas brincadeiras das crianças

Respostas	Itens assinalados
Falta de tempo	
Condições meteorológicas	X
Preocupação com a sujidade	
Medo que se magoe	
Perigo desconhecido	
Preocupação dos pais (e.g.: ansiedade)	
A idade da criança	
A condição das instalações (e.g.: condições do parque)	

A terceira questão diz respeito às características socioemocionais e biológicas que, na perspetiva da educadora, o brincar no exterior fomenta e todas as opções de resposta foram consideradas:

Tabela 34 - Perspetiva da E.C. sobre as características socioemocionais e biológicas que o brincar no exterior fomenta nas crianças.

Respostas	Itens assinalados
Confiante	X
Corajoso	X
Resiliente	X
Criativo	X
Independente	X
Sociável	X
Capaz de aprender	X
Capaz de tomar decisões	X
Feliz	X
Saudável	X

Encerrando o capítulo da apresentação e análise de dados, podemos deste modo concluir que o espaço exterior é percecionado como o ambiente educativo que mais cativa e possibilita oportunidades às crianças ao nível do desenvolvimento integral. São referidos como preferidos tanto materiais de fim aberto como fechado, sendo que quando é mencionado o espaço interior há uma tendência para elencar recursos/materiais de fim fechado e quando é referido o espaço exterior são proferidos com mais frequência os materiais de fim aberto como por exemplo a cozinha de lama. O adulto, aos olhos dos vários sujeitos, é visto como fundamental no apoio, supervisão e envolvimento nas brincadeiras do dia a dia das crianças.

No capítulo que se segue iremos tecer algumas considerações finais sobre todo o trabalho desenvolvido e resultados obtidos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Terminado o estudo, resta tecer algumas considerações em torno do que foi desenvolvido. Em primeiro lugar é importante referir que a revisão de literatura permitiu uma maior perceção da relevância e do impacto do ambiente educativo e recursos materiais em creche como dos seus princípios pedagógicos e premissas da Abordagem de Mosaico. Todas as leituras e análises previamente realizadas permitiram desenvolver uma sequência de estratégias com objetivos claramente definidos. O estudo não só permitiu reviver toda a experiência do estágio como também ofereceu a oportunidade de refletir acerca da mesma. Com a construção deste estudo torna-se possível sustentar, através da fundamentação e reflexão, a minha crença na importância de se exercerem práticas que permitam escutar e ter em linha de conta as várias opiniões das crianças e da comunidade educativa relativamente aos espaços e materiais. A abordagem promove uma cultura de reflexão crítica entre os educadores, incentivando a refletir continuamente sobre as práticas e a equacionar melhorias baseadas no feedback das crianças e famílias. Isso pode levar a uma prática pedagógica mais dinâmica e responsiva.

De todos os dados fornecidos pelas crianças, pela E.C., pelos E.E. e pela observação feita ao longo de todo este exercício de investigação, pode-se concluir que o espaço exterior é um dos espaços preferidos das crianças para brincarem, uma vez que neste espaço, lhes é dada mais liberdade e autonomia. De acordo com o estudo de Burke (2005, citado por Figueiredo, 2015) as crianças evidenciam a sua preferência por espaços onde possam brincar livremente, espaços mais informais, com elementos da natureza (terra, água, areia, troncos...). Verificou-se que o único espaço natural da instituição não era usufruído, mas após sofrer a reestruturação, como verificámos nos resultados obtidos, passou a ser um dos espaços de eleição para todos os intervenientes.

O Projeto Educativo da instituição referia a existência de uma horta pedagógica, mas o espaço referente à horta efetivamente não existia. O espaço designado como tal, na realidade só continha duas laranjeiras. Tal como foi referido no itinerário de pesquisa, havia um projeto já de algum tempo para ser desenvolvido exatamente no espaço designado de horta pedagógica. Este projeto inicialmente iria ser desenvolvido com a ajuda e colaboração de todos os pais, mas devido aos constrangimentos causados pela pandemia COVID-19, não foi possível avançar. Foram necessárias algumas semanas e muito trabalho de equipa para dar uma “nova vida” a este espaço que não tinha

praticamente nada à disposição das crianças e, para além disso, não reunia as melhores condições de segurança. Por ser exatamente o único espaço verdadeiramente natural estava realmente a ser muito mal aproveitado. Foi um gosto e um orgulho poder contribuir para esta mudança e poder proporcionar às crianças um espaço que corresponda aos seus desejos, além de que foi um espaço inteiramente equipado com materiais não estruturados que promovem um contacto mais próximo entre a criança e a natureza. Asseguraram-se todas as medidas segurança e de equipamentos apropriados e adaptados, de forma as crianças puderem usufruir deste espaço na sua plenitude.

O espaço exterior num contexto de creche é de facto um local que permite o desenvolvimento de novas aprendizagens, através da realização de experiências, tanto iniciadas pelo educador como pelas crianças. Este espaço permite a continuação das situações de aprendizagem do espaço interior, mas desta vez ao “ar livre”. Portanto, facilita o envolvimento noutra tipo de explorações e aprendizagens distintas das realizadas no interior, visto ser um local com características e potencialidades diferentes. Permite que as crianças tenham várias oportunidades de socialização, podendo pôr à prova as suas competências motoras, aprender as regras sociais dos jogos em que se envolvem e também as primeiras manifestações culturais.

Brincar com materiais naturais e envolver-se em jogos tradicionais, observar a evolução das plantas e as condições climatéricas e atmosféricas, são outras experiências que as crianças podem realizar no exterior “[...] ouvem, cheiram, sentem ou veem árvores, nuvens, vento, temperaturas quentes ou frias e alterações de luminosidade [...] podem correr, atirar, espernear, trepar, baloiçar e cavar; encontram plantas, animais e insetos para examinarem minuciosamente” (Post & Hohmann, 2011, p. 161).

Como também já referimos e através deste exercício de investigação, comprovámos com a análise de dados que o brincar é uma ação conduzida pela criança e é para ela algo prazeroso e relaxante, que não exige um resultado, e atualmente pensamos demasiado nos resultados, para mostrar a todos. É bom registar momentos, mas como também já percebemos através da utilização da Abordagem de Mosaico, existem vários meios de registo que se podem considerar. A brincadeira proporciona experiências inesquecíveis, permite desenvolver competências, compreender o mundo e as crianças são felizes ao

fazê-lo. Não limita a aprendizagem, pois permite ligar as diferentes áreas de uma forma dinâmica e divertida. A criança aprende e é motivada a tomar iniciativa, cria o seu próprio projeto de aprendizagem onde explora, tira conclusões e constrói interpretações.

Uma das questões de partida para este tudo incidiu na opinião da comunidade educativa em relação aos espaços em que as crianças brincam e ao papel dos adultos nos mesmos. Através da análise de respostas, ressalta-se o adulto descrito como o que acompanha, supervisiona e envolve-se nas brincadeiras das crianças e os espaços como impulsionadores de aprendizagens, exploração e socialização entre pares e com os adultos. Compartilhar as aspirações e expectativas educativas com as famílias pode fortalecer a parceria entre a creche e os pais, envolvendo-os mais ativamente na educação dos seus filhos e promovendo uma compreensão mútua das necessidades e desejos dos envolvidos (crianças e adultos).

O exterior em creche deve ter, como principais características, a existência de espaço suficiente para que as crianças possam agir livremente, e uma grande diversidade de materiais, de modo a permitir que estas se envolvam em várias experiências de atividade física. É imprescindível que esteja organizado tendo em atenção os interesses e necessidades das crianças, permitindo-lhes oportunidades de exploração num clima de bem-estar. Outra vantagem do espaço exterior é o alargamento de oportunidades de atividades físicas e motoras, promovendo assim o desenvolvimento das crianças a esse nível. Isto é importante, uma vez que o movimento permite que as crianças se desenvolvam também a outros níveis, como por exemplo, cognitivo e afetivo. O tempo gasto na natureza pode também reforçar os laços sociais entre as crianças, uma vez que durante esse, têm oportunidades para negociar, partilhar, resolver problemas, e trabalhar em conjunto.

O papel dos adultos nos espaços exteriores, assume uma enorme relevância. Este deve, de facto, ser um mediador entre a criança e o espaço, planificando a organização e propostas educativas a realizar nesses locais. O educador deve observar as possibilidades oferecidas pelo espaço exterior; enriquecer o ambiente através da planificação de diferentes atividades e disponibilizar diferentes materiais; interagir com as crianças durante as suas brincadeiras; e observar as suas reações, expressões e interações, de

modo a propor novas situações que contribuam para fomentar os seus interesses e aprendizagens.

Com a utilização da Abordagem de Mosaico, compreendemos a importância de saber escutar através dos vários meios com que estas comunicam connosco. Através da utilização dos vários métodos de obtenção de dados que esta abordagem propõe, foi muito positivo perceber como cada criança reage a cada um deles, como foi referido anteriormente nem todas as crianças mostraram vontade e interesse em participar nas entrevistas, mas, em contrapartida, na atividade do painel mostraram-se muito participativas. Assim verificámos a vantagem desta abordagem multimodal e inclusiva como referencial metodológico.

Em conformidade com a pedagogia participativa a criança é o agente primordial da sua aprendizagem e com este estágio, o facto de observar e escutar as crianças, estar atenta, considerar as suas perspetivas, dar-lhes espaço para que elas pudessem descobrir e experimentar por si mesmas foi muito prazeroso e gratificante. Este percurso marcou-se por pequenas grandes conquistas tanto para a comunidade educativa como para as crianças e que acredito que a longo prazo ainda vá ter mais impacto e trazer mais benefícios “os sentimentos de sucesso e de competência que a criança experimenta quando tenta uma nova atividade, são mais importantes a longo prazo do que a inconveniência a curto prazo que possam implicar para os adultos” (Hohmann & Weikart, 1997, p. 82).

Espero que as perceções adquiridas contribuam para uma maior preocupação da escuta ativa tanto das crianças como da comunidade educativa na promoção de uma melhoria dos ambientes educativos de creche e de tudo aquilo que lhe é inerente, evidenciado a importância dos espaços e dos recursos materiais que estes apresentaram no decorrer do processo educativo, nomeadamente no desenvolvimento holístico e exploração da criança. Assim, os resultados obtidos e a fundamentação do estudo oferecem um caminho para que se inicie ou se dê continuidade ao tema, de forma a alcançar novos e melhores resultados.

Por fim, o balanço deste estudo é bastante significativo, tanto na minha construção pessoal e profissional, como no processo educativo das crianças da sala dos dois anos B.

No decorrer do estudo existiram situações desafiantes, nomeadamente nas intervenções práticas, que foram superadas através da entreaajuda com a educadora cooperante e as próprias crianças. Sinto que enriqueci, descobri através da implementação desta abordagem um novo olhar sobre o modo de como escutar a criança e dos benefícios que o exterior fornece às crianças e até a nós adultos. Sinto também, que ainda existe um longo percurso quanto à visão sobre o espaço exterior como ambiente educativo, e que ainda tenho muito a descobrir sobre este tema, mas guardarei comigo toda a motivação e felicidade, ao realizar este trabalho investigativo, como motor para a minha prática pedagógica. Volto a referir que este trabalho surgiu a fim de promover o envolvimento das crianças e da comunidade educativa num processo avaliativo, crítico e opinativo relativamente aos espaços e materiais disponíveis e presentes na creche. O processo colaborativo da Abordagem de Mosaico pode fortalecer as relações entre educadores e crianças (e famílias). Quando as crianças percebem que as suas opiniões são valorizadas, elas podem sentir-se mais confiantes e ligadas aos educadores, o que é crucial para um ambiente de pertença e aprendizagem positivo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Afonso, N. (2005). *Investigação naturalista em educação: Um guia prático e crítico*. Edições ASA.
- Amado, J. (2014). *Manual de investigação qualitativa em educação* (2ª ed.). Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Bilton, H., Bento, G., & Dias, G. (2017). *Brincar ao ar livre. Oportunidades de desenvolvimento e aprendizagem fora de portas* (1ª ed.). Porto Editora.
- Bogdan, R., & Biklen, S. (1994). *Investigação Qualitativa em Educação*. Porto Editora.
- Cardona, M. (1992). A Organização do Espaço e do Tempo na Sala de Jardim de Infância. In M. Seabra (Org.), *Cadernos de educação de infância*, 24 (p. 12). Associação dos Profissionais de Educação de Infância.
- Carmo, H., & Ferreira, M. (2008). *Metodologia da Investigação. Guia para autoaprendizagem*. Universidade Aberta.
- Clark, A. (2011). Breaking methodological boundaries? Exploring visual, participatory methods with adults and young children. *European Early Childhood Education Research Journal*, 19, 321-330.
- Clark, A., & Moss, P. (2001). *Listening to young children: the Mosaic approach*. National Children's Bureau for the Joseph Rowntree Foundation.
- Clark, A., & Moss, P. (2005). *Spaces to play: More listening to young children using the Mosaic approach*. National Children's Bureau.
- Clark, A., & Moss, P. (2011). *Listening to young children*. National Children's Bureau.
- Edwards, C., Gandini, L., & Forman, G. (1999). *As Cem linguagens da criança: A abordagem de Reggio Emilia na Educação da Primeira Infância*. Editora Artes Médicas Sul.
- Estrela, A. (1990) *Teoria e prática de observação de classes: uma estratégia de formação de professores* (3ª ed.). Instituto Nacional de Investigação Científica.
- Figueiredo, A. (2015). *Interação Criança-Espaço Exterior em Jardim de Infância* [Tese de doutoramento]. Departamento de Educação e Psicologia, Universidade de Aveiro.
- Ghiglione, R., & Matalon, B. (1992). *O Inquérito, Teoria e Prática*. Celta Editora.

- Goldschmied, E., & Jackson, S. (2023). *Pessoas com menos de três anos. Educar e cuidar em creche*. Associação de Profissionais de Educação de Infância.
- Hohmann, M., & Weikart, D. P. (1997). *Educar a Criança*. Fundação Calouste Gulbenkian.
- Oliveira-Formosinho, J., & Araújo, S. B. (2013). *Educação em Creche: Participação e Diversidade*. Porto Editora.
- Oliveira-Formosinho, J., & Araújo, S. B. (2018). *Modelos pedagógicos para a Educação em Creche*. Porto Editora.
- Pascal, C., & Bertram, T. (2000). O Projeto “Desenvolvendo a qualidade em parcerias” – Sucessos e reflexões. *Revista Infância Educação e Práticas*, 4, 17-30.
- Pascal, C., & Bertram, T. (2009). *Manual DQP - Desenvolvendo a Qualidade em Parcerias*. Direção-Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular.
- Portugal, G. (2012). *Finalidades e Práticas educativas em creche - das relações, actividades e organização dos espaços ao currículo na creche*. CNIS.
- Portugal, G., & Laevers, F. (2010). *Avaliação em Educação Pré-escolar – Sistema de acompanhamento das crianças*. Porto Editora.
- Post, J., & Hohmann, M. (2011). *Educação de Bebés em Infantários - Cuidados e Primeiras Aprendizagens*. Fundação Calouste Gulbenkian
- Quivy, R., & Campenhoudt, V. (2008). *Manual de investigação em ciências sociais* (3ª ed.). Gradiva.
- Stake, R. E. (2009). *A arte da investigação com estudos de caso* (2ª ed.). Fundação Calouste Gulbenkian.
- Sousa, A. (2005). *Investigação em Educação*. Livros Horizonte.

APÊNDICES

Apêndice I - Guião da Ficha de Observação



FICHA DE OBSERVAÇÃO

Nome do Estabelecimento.....

Observador.....

Nome da criança	Data	Descrição da atividade	Grupo (GG) (PG) (P) (I)	Nível de implicação		Interação	Observações
				1	2		
				3	4		
				5			

Apêndice II - Atividade “Onde gosto mais de brincar”

Atividade- “Onde gosto mais de brincar?”

Objetivos

- Explorar e conhecer as preferências das crianças relativamente aos equipamentos disponíveis no espaço exterior;
- Avaliar o impacto da reestruturação do espaço nas crianças.

Descrição da atividade

Cada criança, à vez, colocou a sua fotografia junto da imagem que contém a sua brincadeira preferida. As imagens dos equipamentos já estavam devidamente dispostas no painel. Depois de terminada a atividade, fizemos um balanço para percebermos quais são as brincadeiras preferidas de cada um e, de todas, qual é que foi a mais escolhida, sendo que as mais votadas foram a cozinha de lama e o escorrega. Por fim, levámos o painel para a sala de atividade para o colocar na parede.

Apêndice III - Guião de entrevista às crianças



-Entrevista às crianças-

P1- Qual/Quais são os teus brinquedos preferidos?

P2- O que gostavas de trazer para a sala e que não está cá?

P3- Onde gostas mais de brincar? Lá fora (na rua) ou cá dentro (a sala)?

P4- Gostas mais de brincar com os amigos? Porquê? Onde? Com o que é que gostas mais de brincar?

Gostas mais de brincar sozinho? Porquê? Onde? Com o que é que gostas mais de brincar?

Apêndice IV – Guião de entrevista à Educadora Cooperante**-Entrevista à Educadora Cooperante-**

A presente entrevista insere-se no âmbito do meu relatório final de curso (Mestrado em Educação Pré-Escolar), da Escola Superior de Educação de Coimbra, e tem como principal objetivo conhecer a sua opinião relativamente à importância do espaço exterior nas brincadeiras das crianças. Todos os dados serão apenas tratados para efeitos académicos garantindo a sua confidencialidade. Agradeço, desde já, a sua colaboração.

PARTE I- Dados do Entrevistado

Idade

Habilitação académica

Tempo de serviço

Tempo de serviço em creche

PARTE II- Estrutura e organização do Espaço

P1 – A estrutura/ organização da sala e dos materiais neste ano letivo foi decidida como, por quem e quando?

--

P2 – Quais foram as intenções que estiveram na base dessas opções?

--

P3- Já houve alterações a esse plano inicial? Quais, porquê, quando?

--

P4 – Que espaços costumam ser usados por este grupo (pré e “pós” pandemia)?

--

PARTE III- Recursos materiais

P5- Que recursos materiais é que as crianças brincam/valorizam mais?

--

P6- Na sua opinião, os materiais da sala poderiam ser melhorados/potenciados ou até mesmo acrescentar novos?

--

P7- Sente que há diferenças na exploração/brincadeira das crianças consoante o material disponível tenha um fim aberto ou uma finalidade específica? Quais observa?

--

P8- Que interesses das crianças os recursos procuram responder?

--

P9- Quais destes recursos considera importantes para a brincadeira das crianças?

(Assinale com um X as opções pretendidas)

	Brinquedos
	Areia
	Água
	Recursos naturais (e.g.: árvores, arbustos...)
	Estruturas ou elementos naturais para escalar
	Estruturas ou elementos naturais para deslizar/escorregar
	Estruturas ou elementos naturais para saltar
	Estruturas ou elementos para balançar
	Estruturas ou elementos naturais para se equilibrar
	Esconderijos
	Lugares onde a criança se possa sentar (e.g.: para descansar ou para reunir-se com outras crianças)
	Nenhuma das opções
	Porquê?

PARTE IV- Espaço interior/exterior

P10- As crianças preferem brincar no espaço exterior ou interior?
P10.1- Que diferenças nota (exterior/interior):
<u>Na comunicação entre si:</u>
<u>Na comunicação com os adultos:</u>
<u>Nas iniciativas/ na autonomia:</u>
<u>Nas destrezas/ ações motoras:</u>

P11- Quais destas seguintes opções considera que são barreiras para as brincadeiras das crianças?

(Assinale com um **X** as opções pretendidas)

	Falta de tempo
	Condições meteorológicas
	Preocupação com a sujidade
	Medo que se magoe
	Perigo desconhecido
	Preocupação dos pais (e.g.: ansiedade)
	A idade da criança
	A condição das instalações (e.g.: condições do parque)
	Nenhuma das referidas
	Porquê?

P12- Na sua opinião, brincar no exterior tornará as crianças mais:

(Só pode assinalar apenas 4 opções)

	Confiante
	Corajoso
	Resiliente
	Criativo
	Independente
	Sociável
	Capaz de aprender
	Capaz de tomar decisões
	Feliz
	Saudável
	Nenhuma das opções
	Porquê?

P13- Na sua opinião, as crianças devem brincar ao ar livre com chuva?

--

P14- A sua decisão em deixar as crianças brincarem na rua é influenciada principalmente por:

(Ordene por **ordem de preferência de 1 a 4**)

	Própria prática pedagógica
	Expectativa dos pais
	Condições da creche
	Currículo da creche

P15- Descreva a sua atitude quando supervisiona as crianças enquanto estas brincam no exterior.

Muito obrigada pela sua colaboração

A aluna estagiária,

Maria João Vicente

Apêndice V – Questionário aos Encarregados de Educação**-Questionário aos Encarregados de Educação-**

O presente questionário insere-se no âmbito do Relatório Final de Curso (Mestrado em Educação Pré-Escolar), da Escola Superior de Educação de Coimbra, e tem como principal objetivo conhecer a sua opinião relativamente à importância do espaço exterior nas brincadeiras do/a seu/sua educando/a. Todos os dados serão apenas tratados para efeitos académicos garantindo a maior confidencialidade. Agradeço, desde já, a vossa colaboração.

PARTE I – Caracterização dos participantes
--

ASSINALE COM UM X O CAMPO DA(S) RESPOSTA(S) QUE CONSIDERA ADEQUADAS, OU ESPECIFIQUE QUANDO SOLICITADO.

Grau de PARENTESCO com o educando

Mãe Pai Outro qual? _

Número de filhos: __

Idade- 20-25 25-30 30-35 35-40 40-45 mais de 45

3. O que pensa sobre o espaço exterior da Instituição?

Habilitações Académicas:

Ensino Básico (até ao 9.º ano) Ensino Secundário (até ao 12.º ano) Bacharelato
 Licenciatura Mestrado Doutoramento Outra Qual? _____

PARTE II – o espaço exterior nas brincadeiras do/a seu/sua educando/a.

1. Considera o espaço exterior importante para as crianças?

1 - Muito Pouco 2- 3 - 4 - 5 - Bastante

2. Considera que o espaço exterior pode proporcionar aprendizagens às crianças?

3.1. Achou pertinente a reestruturação do espaço exterior?

1 - Muito Pouco 2- 3 - 4 - 5 - Bastante

4. Considera os recursos existentes suficientes?

1 -Discordo Totalmente 2- 3- 4- 5- Concordo Totalmente

5. Considera que as crianças passam tempo de qualidade no espaço exterior?

1 -Discordo Totalmente 2- 3- 4- 5- Concordo Totalmente

6. Qual pensa ser o papel do educador nas brincadeiras das crianças no espaço exterior?

7. O/A seu/sua filho(a) costuma brincar:

	Nunca	Menos de 1x/mês	1x/mês	1x/semana	Todos os dias
No parque	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Num ambiente natural	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

8. Quais das seguintes opções podem, na sua opinião, criar barreiras para as brincadeiras do/a seu/sua filho(a) no exterior?

- Falta de tempo
 - Condições meteorológicas
 - Preocupação com a sujidade
 - Medo que se magoe
 - Perigo desconhecido
 - Preocupação dos pais (e.g.: ansiedade)
 - A idade da criança
 - A condição das instalações (e.g.: condições do parque)
 - Nenhuma das referidas
- Porquê?

9. Na sua opinião, brincar no exterior tornará o/a seu/sua filho(a) mais:

(Assinale apenas 4 opções)

- Confiante
- Corajoso
- Resiliente
- Criativo
- Independente
- Sociável
- Capaz de aprender
- Capaz de tomar decisões
- Feliz
- Saudável
- Nenhuma das opções

Porquê?

10. Quais dos recursos abaixo referidos considera importante para a brincadeira/a seu/sua filho(a)?

- Brinquedos
 - Areia
 - Água
 - Recursos naturais (e.g.: árvores, arbustos...)
 - Estruturas ou elementos naturais para escalar
 - Estruturas ou elementos naturais para deslizar/escorregar
 - Estruturas ou elementos naturais para saltar
 - Estruturas ou elementos para balançar
 - Estruturas ou elementos naturais para se equilibrar
 - Esconderijos
 - Lugares onde a criança se possa sentar
(e.g.: para descansar ou para reunir-se com outras crianças)
 - Nenhuma das opções
- Porquê?

Muito obrigada pela sua colaboração

A aluna estagiária,

Maria João Vicente

Apêndice VI - Consentimento informado



CONSENTIMENTO INFORMADO

No âmbito do Estágio em Creche do Mestrado em Educação Pré-Escolar da Escola Superior de Educação de Coimbra realizado, ao longo de um semestre, pela aluna Maria João Vicente na sala dos dois anos B da Creche que o(a) vosso(a) educando(a) frequenta, venho solicitar o vosso consentimento para recolha de fotografias e de vídeos em que este(a) possa ficar registado, em momentos de atividade. Todo o material recolhido no âmbito deste estágio será tratado com toda a confidencialidade e usado unicamente para fins académicos:

1. Elaboração do Dossiê Reflexivo de Estágio sob supervisão da Professora Ana Coelho.
2. Elaboração do Relatório Final sob a orientação da Professora Joana Chélinho.

A vossa colaboração é muito importante para a realização desta etapa da minha formação, pelo que agradeço eventual participação condicionada à vossa disponibilidade e que assinale se autoriza com um (X) a recolha de fotografias e ou de vídeos.

Peço que preencha abaixo o consentindo em participar, bem como o seu educando, caso pretenda apenas autorizar.

Muito grata.

A Estagiária,



AUTORIZAÇÃO DO(A) ENCARREGADO(A) DE EDUCAÇÃO

Eu, _____, encarregado(a) de educação do(a) menino(a) _____, declaro que tive conhecimento da finalidade dos materiais a recolher e do compromisso de confidencialidade da sua utilização e confirmo a vontade de participar, autorizando que o meu educando seja:

1. Fotografado
2. Filmado

Coimbra, ____/____/____

Assinatura: _____

Apêndice VII - Transcrição dos registos da ficha de observação



FICHA DE OBSERVAÇÃO

Nome da criança	Data	Descrição da atividade	Grupo ¹ (GG) (PG) (P) (I)	Nível de ² implicação		Interação ³	Observações
				1 3 5	2 4		
E	30/03/2021	A criança estava a brincar com um jogo de encaixe com peças de carros (bombeiro, polícia...)	I	5		→ CA ←	À medida que a criança ia encaixando as respetivas peças reproduzia sons e falava consigo própria

¹ Grande Grupo (GG); Pequeno Grupo (PG); Par (P); Individual (I)

² Nível 1- ausência de atividade; Nível 2- atividade frequentemente interrompida; Nível 3- atividade mais ou menos contínua; Nível 4- atividade com momentos intensos; Nível 5- atividade intensa mantida

³ CA ↔ A- interação equilibrada entre criança-alvo e adulto; CA ↔ C- interação equilibrada entre criança-alvo e criança; CA → A- criança-alvo interage com adulto; CA → C- criança-alvo interage com outra criança; CA → GC- criança-alvo interage com um grupo de crianças; A → CA- adulto interage com a criança-alvo; C → CA- outra criança interage com a criança-alvo; → CA ←- criança-alvo fala consigo própria; CA ↔ GC- interação equilibrada criança-alvo grupo de crianças

J	1/04/2021	A criança estava a brincar com os animais	I	5		→ CA ←	Esta criança brinca frequentemente com os animais
MC	1/04/2021	A criança estava a brincar com as peças do dominó dos animais	I	4		CA → A	A criança estava a colocar as peças ordeiramente na respetiva caixa e à medida que o fazia, ia interagindo comigo.
E	6/04/2021	A criança estava a andar no triciclo no espaço exterior e a fingir que era uma mota	I	5		→ CA ←	A criança enquanto andava no triciclo fingindo que era uma mota, reproduzia o som da mota "vrum vrum"
M	6/04/2021	Estava a brincar com um grupo de crianças a fugir e a gritar dizendo que vinha aí o lobo mau, no espaço exterior.	PG	5		CA ↔ GC	Grupo de 3 crianças a fugir do lobo mau.
J	6/04/2021	A criança estava debaixo do escorrega a ouvir e cantar canções com a ajudante de ação educativa.	P	4		A → CA	Mais tarde, juntaram-se mais crianças.
MC	6/04/2021	A criança estava a brincar no peixinho de mola.	P	3		C → CA	Esta criança estava a baloiçar no peixinho quando apareceu outra criança para a empurrar.
AM	6/04/2021	A criança fazia de conta que estava a comunicar com os aviões através de um "telefone".	I	5		→ CA ←	A criança posicionou-se em cima de um pneu encostado à grade de forma a comunicar com os aviões que deixavam rasto no céu, através de um "telefone".
T	6/04/2021	A criança estava a fazer "bolos" com materiais disponíveis no espaço exterior.	PG	5		CA ↔ GC	A criança estava a fazer "bolos" com um grupo de crianças, usando pacotes de leite e outros materiais disponíveis no exterior.
S	6/04/2021	A criança estava a brincar com os triciclos, trotinetes e carros disponíveis no espaço exterior.	I	4		CA → A	
S	7/04/2021	A criança estava a andar nos carros e trotinetes existentes no espaço exterior.	I	5		→ CA ←	Enquanto andava nos carros reproduzia o som da buzina.

T	7/04/2021	A criança estava a brincar no escorrega.	PG	4	CA → GC	A criança ia conversando com outras que também estavam a brincar no escorrega.
MC	7/04/2021	A criança estava a brincar com outra usando dois pneus.	P	5	CA → C	As crianças estavam a brincar com dois pneus e a educadora acabou por se envolver na brincadeira.
A	7/04/2021	A criança estava a brincar no escorrega.	PG	4	CA ↔ GC	
MC	8/04/2021	A criança estava a colocar terra para um balde para cozinhar.	PG	5	CA ↔ GC	
AT	8/04/2021	A criança estava a “cozinhar” utilizando vários brinquedos ao dispor.	PG	5	CA ↔ GC	
S	8/04/2021	A criança estava a brincar na caixa de areia.	P	3	CA ↔ GC	
AM	8/04/2021	A criança estava a brincar com forminhas e terra.	P	5	A → CA	A criança estava a brincar com as forminhas e com a terra, dizendo que estava a fazer uma praia.
M	8/04/2021	A criança estava a brincar com os utensílios e terra disponíveis no espaço exterior.	I	5	CA ↔ A	A criança dirigiu-se a mim dizendo para eu provar a sopa que ela estava a fazer.
AM	9/04/2021	A criança estava a brincar com “contas” (Jogo de enfiamento).	P	5	CA → C	
E	9/04/2021	A criança estava a brincar com “contas” (Jogo de enfiamento).	PG	5	C → CA	

Apêndice VIII - Transcrição das entrevistas às crianças



Entrevista às crianças-

P1- Qual/Quais são os teus brinquedos preferidos?

Nome: C1 R: <i>“As coisas de cozinha, os jogos, os legos e os livros”</i>	Nome: C2 R: <i>“Os bebés, a cama e o espelho”</i>	Nome: C3 R: <i>“Gosto de brincar com os legos e com os bebés e também com os carros”</i>
Nome: C4 R: <i>“Gosto do escorrega, do camelo, do peixe e dos bebés”</i>	Nome: C5 R: <i>“Gosto de brincar com os animais”</i>	Nome: C6 R: <i>“Os bebés e os jogos”</i>
Nome: C7 R: <i>“Os carros e a bola”</i>	Nome: C8 R: <i>“Os animais e os bebés”</i>	Nome: C9 R: <i>“Com os livros e com as peças”</i>

P2- O que gostavas de trazer para a sala e que não está cá?

Nome- C1

R: *“Uma coroa e uma varinha mágica”*

Nome- C2

R: *“Gostava de ter um castelo”*

Nome- C3

R: *“Gostava de trazer mais bonecos”*

Nome- C4

R: *“Gostava de trazer um macaco de peluche”*

Nome- C5

R: *“Gostava de trazer um prazer passarinho de estimação”*

Nome- C6

R: *“Gostava de trazer papel e bebés”*

Nome- C7

R: *“Um microfone”*

Nome- C8

R: *“Gostava de trazer o fato de bailarina”*

Nome- C9

R: *“Gostava de trazer um unicórnio”*

P3- Onde gostas mais de brincar? Lá fora (na rua) ou cá dentro (a sala)?

Nome- C1

R: *“Gosto mais de brincar na rua”*

Nome- C2

R: *“Gosto mais de brincar na rua”*

Nome- C3

R: *“Gosto mais de brincar na rua”*

Nome- C4

R: *“Gosto mais de brincar lá fora”*

Nome- C5

R: *“Gosto mais de brincar na rua”*

Nome- C6

R: *“Gosto mais de brincar na rua”*

Nome- C7

R: *“Lá fora”*

Nome- C8

R: *“Gosto mais de brincar na rua”*

Nome- C9

R: *“Gosto mais de brincar na rua”*

P4- Gostas mais de brincar com os amigos? Porquê? Onde? Com o que é que gostas mais de brincar?

Gostas mais de brincar sozinho? Porquê? Onde? Com o que é que gostas mais de brincar?

Nome- C1

R: *“Gosto mais de brincar sozinha na rua. Gosto mais de brincar na cozinha de lama com as coisas da cozinha”*

Nome- C2

R: *“Gosto mais de brincar com os amigos porque brinco mais. Gosto mais de brincar na rua na cozinha”*

Nome- C3

R: *“Gosto mais de brincar com os amigos porque é mais divertido. Gosto mais de brincar lá fora. Gosto de fazer piqueniques com os amigos”*

Nome- C4

R: *“Gosto mais de brincar sozinha. Gosto mais de brincar lá fora. Gosto mais de brincar no comboio”*

Nome- C5

R: *“Gosto mais de brincar sozinha lá fora. Gosto de brincar no camelo”*

Nome- C6

R: *“Gosto mais de brincar sozinha na sala. Gosto mais de brincar com os bebés porque eu gosto”*

Nome- C7

R: *“Gosto mais de brincar com os amigos lá fora. Gosto de brincar com as bolas”*

Nome- C8

R: *“Gosto mais de brincar sozinha na rua. No escorrega porque é divertido”*

Nome- C9

R: *“Gosto mais de brincar com os amigos na sala com os livros”*

Apêndice IX - Transcrição da entrevista à Educadora Cooperante**Entrevista à Educadora Cooperante-**

A presente entrevista insere-se no âmbito do meu relatório final de curso (Mestrado em Educação Pré-Escolar), da Escola Superior de Educação de Coimbra, e tem como principal objetivo conhecer a sua opinião relativamente à importância do espaço exterior nas brincadeiras das crianças. Todos os dados serão apenas tratados para efeitos académicos garantindo a sua confidencialidade. Agradeço, desde já, a sua colaboração.

PARTE I- Dados do Entrevistado

Idade
41 anos

Habilitação académica
Mestrado

Tempo de serviço
18 anos

Tempo de serviço em creche
9 anos

PARTE II- Estrutura e organização do Espaço

P1 – A estrutura/ organização da sala e dos materiais neste ano letivo foi decidida como, por quem e quando?

“A organização da sala foi decidida no início do ano letivo pela equipa educativa da sala de atividade”.

P2 – Quais foram as intenções que estiveram na base dessas opções?

- *“Disponibilizar ao nível das crianças todos os materiais disponíveis”;*
- *“Criar um espaço acolhedor e funcional para os momentos de reunião de grupo, ao mesmo tempo que pudesse acolher as brincadeiras livres num espaço amplo”;*
- *“Um espaço que oferecesse segurança e que promovesse o seu conforto e bem-estar”.*

P3- Já houve alterações a esse plano inicial? Quais, porquê, quando?

“As alterações vão ocorrendo sempre que se tornar necessário. Mas, a realidade é que apenas surgiram no meio do ano letivo quando houve necessidade do seu reajuste. Alterámos a disposição das duas mesas da sala para criar um espaço mais amplo que lhes promovesse maior liberdade de movimentos”.

P4 – Que espaços costumam ser usados por este grupo (pré e “pós” pandemia)?

“Na Creche todas as crianças podem usar o espaço da sua sala e os espaços comuns, tais como, biblioteca, refeitório, espaço de lama/terra, dois espaços exteriores com equipamentos fixos e móveis. Contudo depois dos primeiros confinamentos foi necessário reorganizar os tempos de utilização de cada espaço, uma vez que nos encontramos a funcionar por “bolhas”, e que por isso as crianças de um determinado grupo não se podem “misturar” com outro”.

PARTE III- Recursos materiais

P5- Que recursos materiais é que as crianças brincam/valorizam mais?

- “Legos”;
- “Livros”;
- “Puzzles”;
- “Material/utensílios de cozinha, faz de conta, bonecos/bebés”;
- “Materiais de fim aberto”.

P6- Na sua opinião, os materiais da sala poderiam ser melhorados/potenciados ou até mesmo acrescentar novos?

“Sim, poderiam ser melhorados. De vez em quando arrumamos alguns jogos e colocamos outros novos, temos um armário onde arrumamos jogos para ir repondo”.

P7- Sente que há diferenças na exploração/brincadeira das crianças consoante o material disponível tenha um fim aberto ou uma finalidade específica? Quais observa?

“Sim, há diferenças, para além de os materiais de fim aberto oferecerem uma diversidade de possibilidades de exploração, normalmente as crianças envolvem-se mais tempo nessa determinada ação”.

P8- Que interesses das crianças os recursos procuram responder?

“Julgo que tentamos responder da melhor forma possível aos interesses de cada criança e ao grupo”.

P9- Quais destes recursos considera importantes para a brincadeira das crianças?

(Assinale com um X as opções pretendidas)

x	Brinquedos
x	Areia
x	Água
x	Recursos naturais (e.g.: árvores, arbustos...)
x	Estruturas ou elementos naturais para escalar
x	Estruturas ou elementos naturais para deslizar/escorregar
x	Estruturas ou elementos naturais para saltar
x	Estruturas ou elementos para balançar
x	Estruturas ou elementos naturais para se equilibrar
x	Esconderijos
x	Lugares onde a criança se possa sentar (e.g.: para descansar ou para reunir-se com outras crianças)
	Nenhuma das opções
	Porquê?

PARTE IV- Espaço interior/externo

<p>P10- As crianças preferem brincar no espaço exterior ou interior?</p> <p><i>“Depende dos espaços disponíveis para a sua utilização (uma vez que temos três espaços exteriores diferentes para usufruir) mas preferencialmente as crianças escolhem a rua (o espaço exterior)”.</i></p>
<p>P10.1- Que diferenças nota (exterior/interior):</p> <p><u>Na comunicação entre si:</u> <i>“Ao nível da comunicação entre pares, julgo que no espaço exterior existe maior interação verbal, uma vez que existem mais situações para gerir e partilhar”.</i></p>
<p><u>Na comunicação com os adultos:</u> <i>“Ao nível da comunicação com os adultos no espaço exterior há maior interação, o adulto é mais vezes solicitado para gerir conflitos”.</i></p>
<p><u>Nas iniciativas/ na autonomia:</u></p> <p><i>Nota: Não respondeu</i></p>
<p><u>Nas destrezas/ ações motoras:</u> <i>“Ao nível das ações motoras é de longe mais estimulante o espaço exterior, permitindo-lhe uma maior exploração dos espaços, aperfeiçoando as suas competências motoras”.</i></p>

P11- Quais destas seguintes opções considera que são barreiras para as brincadeiras das crianças?

(Assinale com um X as opções pretendidas)

	Falta de tempo
x	Condições meteorológicas
	Preocupação com a sujidade
	Medo que se magoe
	Perigo desconhecido
	Preocupação dos pais (e.g.: ansiedade)
	A idade da criança
	A condição das instalações (e.g.: condições do parque)
	Nenhuma das referidas
	Porquê?

P12- Na sua opinião, brincar no exterior tornará as crianças mais:

(Só pode assinalar apenas 4 opções)

x	Confiante
x	Corajoso
x	Resiliente
x	Criativo
x	Independente
x	Sociável
x	Capaz de aprender
x	Capaz de tomar decisões
x	Feliz
x	Saudável
	Nenhuma das opções
	Porquê?

P13- Na sua opinião, as crianças devem brincar ao ar livre com chuva?

“Claro que sim, aperfeiçoando-as com equipamento adequado para diferentes condições meteorológicas”.

P14- A sua decisão em deixar as crianças brincarem na rua é influenciada principalmente por:

(Ordene por **ordem de preferência de 1 a 4**)

1	Própria prática pedagógica
4	Expectativa dos pais
3	Condições da creche
2	Currículo da creche

P15- Descreva a sua atitude quando supervisiona as crianças enquanto estas brincam no exterior.

“Efetivamente procuro ser um adulto acompanhante, supervisor que se envolve com as crianças promovendo um agente ativo e tentando construir o seu espírito crítico enquanto brinca”.

